



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO ACADÊMICO

**CONSTRUÇÃO E AVALIAÇÃO DE UMA CARTILHA EDUCACIONAL SOBRE
ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL PARA MULHERES TRANS**

RECIFE

2023

ADRIAN THAÍS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA

**CONSTRUÇÃO E AVALIAÇÃO DE UMA CARTILHA EDUCACIONAL SOBRE
ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL PARA MULHERES TRANS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Enfermagem.

Área de Concentração: Enfermagem e Educação em Saúde

Linha de Pesquisa: Enfermagem e Educação em Saúde nos Diferentes Cenários do Cuidar.

Orientador: Prof. Dr. Ednaldo Cavalcante de Araújo

RECIFE

2023

Catálogo na fonte:
Bibliotecário: Aécio Oberdam, CRB4: 1895

S586c Silva, Adrian Thaís Cardoso Santos Gomes da.
Construção e avaliação de uma cartilha educacional sobre enfrentamento da
violência sexual para mulheres trans / Adrian Thaís Cardoso Santos Gomes da Silva –
2023.
104 p.

Orientador: Ednaldo Cavalcante de Araújo
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de
Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Recife, 2023.
Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Enfermagem. 2. Educação em Saúde. 3. Tecnologia educacional. 4. Pessoas
Transgêneros. 5. Delitos sexuais. Araújo, Ednaldo Cavalcante de (orientador). II. Título.

610.73 CDD (23.ed.) UFPE (CCS 2023 - 220)

ADRIAN THAÍS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA

**CONSTRUÇÃO E AVALIAÇÃO DE UMA CARTILHA EDUCACIONAL SOBRE
ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL PARA MULHERES TRANS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Enfermagem.

Aprovada em: 29 / 03 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ednaldo Cavalcante de Araújo (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Sheila Coelho Ramalho Vasconcelos Moraes (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Josueida de Carvalho Sousa (Examinadora Externa)

Universidade Católica de Pernambuco

Prof^a. Dra. Analúcia de Lucena Torres (Examinadora Externa)

Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho científico à minha família, em especial, a minha mãe, Adriana e a minha avó Maria do Carmo, pelo empenho na minha educação, e ao meu irmão, Andrey pelo exemplo de perseverança e de não desistir de seus propósitos!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela Sua infinita misericórdia, por me permitir chegar até aqui!

Aos meus pais, Adriana dos Santos Gomes e José Cardoso da Silva, por toda a educação ofertada e incentivarem a buscar sempre o melhor, visando tratar o outro da melhor forma possível. Desde muito cedo me incentivaram a trilhar os caminhos do estudo e sempre me ofertaram todo amor e segurança para alçar meus próprios voos com a certeza de que sempre terei um ninho para repousar.

Ao meu irmão, Andrey Thyago Cardoso Santos Gomes da Silva, pela amizade e companheirismo, por todo apoio, amor e aconchego durante toda a nossa vida juntas, mas, sobretudo no início dessa jornada por ter sido amparo e fortaleza para mim.

Aos meus avós maternos e paternos, em especial à Maria do Carmo dos Santos Gomes e Geraldo Martiliano Gomes, por serem exemplos de superação e luta.

Ao meu noivo, David Williams Moccock de Araújo, por todo o companheirismo ao longo de toda a minha caminhada acadêmica, desde o ensino médio, pela compreensão e ajuda. Obrigada por acreditar em mim.

Ao meu orientador, Professor Dr. Ednaldo Cavalcante de Araújo, por todo os ensinamentos repassados, pelas oportunidades concedidas para a minha formação profissional e acadêmica, obrigada pela compreensão durante toda a caminhada. Me sinto agraciada por nosso encontro. Ser sua aluna alimentou em mim o desejo de ser uma professora parecida com o senhor, empática. Obrigada por tudo. Deu tudo certo! (Nossas orientações sempre se finalizavam com: “Vai dar tudo certo, siga firme! ”).

À Banca Examinadora de Qualificação e Dissertação, pelas correções necessárias para o aprimoramento da minha pesquisa.

Aos meus amigos e familiares, por entenderem as muitas ausências nos momentos importantes, por toda orientação e conselhos, por cuidarem de mim nos momentos que estive doente, pelos momentos de alegria desde o começo da minha jornada acadêmica.

À Maria Franciely Silveira e Rebeqa Ferreira Coelho, estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco, pelo suporte no decorrer desta pesquisa, permeado de dedicação e ética.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa CNPQ/UFPE << Enfermagem e Saúde Integral à Diversidade Sexual e de Gênero >>, e da Liga Acadêmica de Enfermagem, Gênero & Diversidade (LAENFGD) compartilhando nossos saberes e aflições, o percurso se fortalece

com o apoio de todos.

À minha dupla, Nycarla Araújo, por todo companheirismo na trajetória do mestrado, pelas risadas e angústias compartilhadas, sou grata a Deus pela nossa troca desde antes de começar a nossas aulas e nossa correria.

À minha amiga, Bárbara Maria, por sempre apoiar e incentivar meu lado pesquisadora desde a graduação, incentivando a iniciar através do PIBIC. Obrigada por tua amizade, além dos muros da UFPE e ser de fato uma amiga para todas as horas.

Ao meu grupinho das estrelas: Karla, Emilly, Tatiana, Débora, Amanda, Marcos e Tatiana, por me acolherem em uma nova turma na graduação e após a graduação, continuarmos nos apoiando e incentivando.

Ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco.

As funcionárias Larissa Gomes da Silva e Steffane Ramires de Lima Campos.

A coordenadora do Espaço de Cuidado e Acolhimento Trans do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco/HC/UFPE, Dra. Suzana Konstantinos Livadias, pelo acolhimento e pela sua dedicação que tem com o Serviço. Por ser tão solícita e compartilhar os seus saberes.

As mulheres trans, protagonistas de todo esse estudo que compartilharam de suas vivências contribuindo no contexto das entrevistas e validação da tecnologia deste estudo.

Aos enfermeiros que participaram como juízes e dispensaram de seu valioso tempo à para a validação de conteúdo desse instrumento. Suas contribuições foram de grande relevância.

A Universidade Federal de Pernambuco por ser uma instituição de excelência, que tem me acolhido e corroborado com a minha formação desde a Graduação em Enfermagem até a conclusão desse curso de Mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), pela concessão de bolsa de estudo de Mestrado, que possibilitou a realização dessa pesquisa.

Aos meus amigos e colegas da 14ª turma de Mestrado e 8ª turma de Doutorado, pelo companheirismo e por tornarem os dias mais leves durante a nossa trajetória.

Esta dissertação é o resultado de muito estudo e dedicação, por isso, agradeço as demais pessoas que não foram mencionadas nesta seção, mas, colaboraram para que a minha jornada no Curso de Mestrado Acadêmico fosse exitosa!

“Pois d’Ele, por Ele e para ele são todas as coisas. A Ele seja a glória para sempre! Amém.” (Bíblia Sagrada, 2022, p. 1456).

RESUMO

Pessoas trans e travestis são as maiores vítimas de homicídios no Brasil quando comparadas as demais da diversidade sexual e de gênero. Atribui-se a esse fato, muitas das vezes, por causa de assumirem a identidade de gênero oposta ao padrão cis hetero, em que se considera “homem é homem” e “mulher é mulher”. Assim objetivou-se com esse estudo construir uma cartilha educacional válida para mulheres trans sobre o enfrentamento da violência sexual. Trata-se de um estudo de desenvolvimento metodológico, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos (CAAE 57111622.8.0000.5208), precedido por uma revisão integrativa de literatura sobre a temática em estudo, e, um estudo qualitativo e descritivo objetivando analisar o conhecimento das mulheres trans sobre violência sexual e subsidiar os conteúdos para o desenvolvimento da cartilha, cumprindo-se as seguintes etapas: a) identificação dos conteúdos para o desenvolvimento da cartilha; b) desenvolvimento da cartilha com base na revisão da literatura e entrevistas realizadas com as mulheres trans; c) avaliação de conteúdo e aparência com juízes especialistas; d) avaliação de aparência e semântica com a população-alvo do estudo. Participaram desse estudo, cinco mulheres trans, na faixa etária dos 18 aos 45 anos de idade, negras, pardas, brancas, mestiças, de religião cristã e de matriz africana, residentes no Brasil ou no exterior, alfabetizadas, com curso superior completo ou incompleto, ensino fundamental ou médio completo ou incompleto, heterossexuais, pansexual, acompanhadas em dois ambulatórios especializados no cuidado e acolhimento. Para analisar as informações do estudo qualitativo, empregou-se a análise textual lexicográfica por meio do software gratuito IRAMUTEQ versão 7.0, utilizando a Classificação Hierárquica Descendente, gerando as categorias analíticas: “Realidade do cotidiano de mulheres transexuais e travestis”; “Autonomia das mulheres transexuais e travestis sobre seu corpo e liberdade de expressão”; “Dificuldade em ocupar cargos importantes e espaço na sociedade e consequências da marginalização”; “Processo de transição e questões envoltas”; “Socialização no ambiente em que vive”. Para a organização e processamento dos dados referente à avaliação de conteúdo e de aparência por sete juízes especialistas, foi utilizado o *software* IBM® SPSS® *Statistics*. Para verificar a congruência entre eles em relação ao grau de relevância dos itens foi utilizado o Índice de Validade de Conteúdo estabelecido por um nível de concordância mínimo de 80% entre os avaliadores. Os resultados mostraram que a “Cartilha educacional para o enfrentamento da violência sexual” foi avaliada com índice geral de concordância 0,88, IVC superior a 0,78 pelos juízes especialistas, nas dimensões objetivos, estrutura e apresentação e relevância. No processo de avaliação pelas mulheres trans, o índice geral de concordância na dimensão semântica foi

obtido com o IVC de 0,95. Assim, consideramos que a cartilha poderá ser usada e compartilhada com as mulheres trans e profissionais que atuam no processo de educação em saúde, minimizando os efeitos das violências perpetradas contra as mulheres trans, visto ser um problema de saúde pública mundial.

Palavras-chaves: enfermagem; educação em saúde; tecnologia educacional; pessoas transgêneros; delitos sexuais; violência contra travestis e transexuais.

ABSTRACT

Trans people and transvestites are the main victims of homicides in Brazil when compared to others of sexual and gender diversity. This fact is often attributed to the fact that they assume the opposite gender identity to the hetero cis pattern, in which “man is man” and “woman is woman”. Thus, the objective of this study is to build an educational booklet on the prevention of sexual violence for trans women that is valid in terms of content and appearance. This is a methodological, qualitative and descriptive development study, approved by the Ethics Committee and Research with Human Beings (CAAE 57111622.8.0000.5208), fulfilling the following steps: a) qualitative and descriptive study aiming to analyze the knowledge of women trans on sexual violence and subsidize the contents for the development of the booklet; b) integrative literature review on the subject under study; c) identification of contents for the development of the booklet; d) development of the booklet based on the literature review and interviews with trans women; e) evaluation of content and appearance with expert judges; f) evaluation of appearance and semantics with the target population of the study. Five trans women participated in this study, aged between 18 and 45 years old, black, brown, white, mestizo, of Christian religion and of African origin, residing in the state of Pernambuco or abroad, literate, with a complete higher education or incomplete, primary or secondary education, complete or incomplete, heterosexual, pansexual, accompanied in two outpatient clinics specialized in the care and reception of them, in the state of Pernambuco, northeastern Brazil. To analyze the information from the qualitative study, lexicographic textual analysis was used using the free software IRAMUTEQ version 7.0, using the Descending Hierarchical Classification, generating the analytical categories: “Reality of the daily life of transsexual and transvestite women”; “Autonomy of transsexual and transvestite women over their bodies and freedom of expression”; “Difficulty in occupying important positions and space in society and consequences of marginalization”; “Transition process and issues involved”; “Socialization in the environment in which it lives”. For the organization and processing of data referring to the evaluation of content and appearance by seven expert judges, the IBM® SPSS® Statistics software was used. To verify the congruence between them in relation to the degree of relevance of the items, the Content Validity Index established by a minimum level of agreement of 80% among the evaluators was used. The results showed that the “Educational booklet for coping with sexual violence” was evaluated with a general agreement index of 0.88, CVI greater than 0.78 by the expert judges, in the objective dimensions, structure and presentation and relevance. In the evaluation process by trans women, the general index of agreement in the semantic

dimension was obtained with a CVI of 0.95. Thus, we consider that the booklet can be used and shared with trans women and professionals who work in the health education process, minimizing the effects of violence perpetrated against trans women, as it is a global public health problem.

Keywords: nursing; health education; educational technology; transgender; sexual offenses; violence against transvestites and transsexuals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Estratégia de busca nas bases de dados a partir da estratégia PICO. Recife, PE, Brasil, 2022.....	26
Figura 1 – Fluxograma dos estudos selecionados adaptado do modelo PRISMA-2020. Recife, PE, Brasil, 2022.....	30
Quadro 2 – Distribuição dos artigos segundo autores, ano de publicação e objetivo. Recife, PE, Brasil, 2022.....	31
Quadro 3 – Distribuição dos artigos segundo país, principais resultados e o nível de evidência. Recife, PE, Brasil, 2022.....	31
Quadro 4 – Critérios e características para seleção de docentes profissionais que realizaram a validação de conteúdo, conforme o modelo proposto por Jasper, 1995. Recife, PE, Brasil, 2022.....	39
Figura 2 – Etapas do desenvolvimento da tecnologia educacional Recife, PE, Brasil, 2023.....	41
Quadro 5 – Perguntas condutoras das entrevistas com as mulheres trans. Recife, PE, Brasil, 2023.....	41
Quadro 6 – Aspectos da Linguagem, Ilustração e Layout que devem ser considerados na elaboração do material educativo em saúde, segundo Moreira <i>et al.</i> (2003). Recife, PE, Brasil, 2022.....	43
Quadro 7 – Aspectos da Linguagem, Ilustração e Layout que devem ser considerados na elaboração do material educativo em saúde, segundo Moreira <i>et al.</i> (2003). Recife, PE, Brasil, 2022.....	46
Figura 3 – Dendrograma das classes obtidas a partir do corpus textual. Recife, PE, Brasil, 2022.....	50
Figura 4 – Nomeação das classes e dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) do corpus sobre violência contra travestis e transexuais. Recife, PE, Brasil, 2022.....	51
Figura 5 – Evolução da capa da cartilha educacional. Recife, PE, Brasil, 2023.....	58
Quadro 8 – Sessões da cartilha educacional sobre o enfrentamento de violência sexual contra mulheres trans. Recife, PE, Brasil, 2022.....	58
Figura 6 – “O que é violência?”. Recife, PE, Brasil, 2023.....	59

Figura 7 – “O que é violência contra a mulher trans?” Recife, PE, Brasil, 2023.....	60
Figura 8 – Identidade de gênero x orientação sexual. Recife, PE, Brasil, 2023.....	61
Figura 9 – Quais as consequências da violência contra as mulheres trans? Recife, PE, Brasil, 2023.....	62
Figura 10 – “Quais os tipos de violência contra as mulheres Trans?”. Recife, PE, Brasil, 2023.	63
Figura 11 – “Os tipos de violência são...”. Recife, PE, Brasil, 2023.....	64
Figura 12 – “Quais são os tipos de violência?”. Recife, PE, Brasil, 2023.....	65
Figura 13 – Continuação do tópico “Quais são os tipos de violência?”. Recife, PE, Brasil, 2023.....	66
Figura 14 – Infecções Sexualmente Transmissíveis. Recife, PE, Brasil, 2023.....	67
Figura 15 – Orientações em caso de violência sexual. Recife, PE, Brasil, 2023.....	68
Figura 16 – Orientações em caso de violência sexual. Recife, PE, Brasil, 2023.....	69
Figura 17 – “Como proceder em caso de violência sexual?”. Recife, PE, Brasil, 2023.....	70
Figura 18 – Escala de violência. Recife, PE, Brasil, 2023.....	71
Figura 19 – Serviços de apoio. Recife, PE, Brasil, 2023.....	72
Figura 20 – Locais de denúncia. Recife, PE, Brasil, 2023.....	73
Quadro 9 – Observações realizadas pelos juízes quanto a dimensão objetivo, estrutura e apresentação para a cartilha educacional sobre o enfrentamento da violência sexual para mulheres trans. Recife, PE, Brasil, 2023.....	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Índice de Validade de Conteúdo (IVC), por item, por dimensão e por questionário (geral), dos juízes especialistas em violência sexual. Recife, PE, Brasil, 2022.....	75
Tabela 2 – Índice de Validade de Conteúdo do público-alvo, por item e geral. Recife, PE, Brasil, 2023.....	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	OBJETIVOS	21
2.1	OBJETIVO GERAL	21
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
3.1	VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA PESSOAS TRANS E TRAVESTIS	22
3.2	ENFERMAGEM E EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O USO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS	23
3.3	REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	24
4	CAMINHO METODOLÓGICO	37
4.1	TIPO DE ESTUDO	37
4.2	DESENHO DO ESTUDO	37
4.3	PERÍODO DO ESTUDO	38
4.4	PARTICIPANTES DO ESTUDO E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	38
4.5	ETAPAS DO ESTUDO	40
4.5.1	Etapa 1: Estudo qualitativo e descritivo objetivando analisar o conhecimento sobre violência sexual e subsidiar os conteúdos para o desenvolvimento da cartilha	41
4.5.2	Etapa 2: Revisão integrativa de literatura sobre a temática em estudo	42
4.5.3	Etapa 3: Identificação dos conteúdos para o desenvolvimento da cartilha com as mulheres trans	42
4.5.4	Etapa 4: Desenvolvimento da cartilha educacional sobre enfrentamento da violência sexual para as mulheres trans	43
4.5.5	Etapa 5: Avaliação de conteúdo e aparência com expertises	45
4.5.6	Avaliação de aparência e semântica com a população-alvo do estudo	46
4.6	ANÁLISE DE DADOS	47
4.7	ASPECTOS ÉTICOS	48
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
5.1	CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS	49
5.2	CLASSES TEMÁTICAS	50
5.3	CONSTRUÇÃO DA CARTILHA EDUCACIONAL	56
5.3.1	Sessões da cartilha	57
5.4	VALIDAÇÃO DA CARTILHA EDUCACIONAL	74

5.4.1 Validação da Cartilha educacional pelos juízes especialistas e público-alvo.....	74
6 CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PESQUISA	86
APÊNDICE B – CARTA CONVITE PARA AS INSTITUIÇÕES DE REFERÊNCIA	87
APÊNDICE C – CARTA-CONVITE PARA OS JUÍZES	88
APÊNDICE D – FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	89
APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO	90
APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PÚBLICO-ALVO.....	91
APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - JUÍZES ESPECIALISTAS	94
APÊNDICE H – INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO PELOS JUÍZES ESPECIALISTAS DA CARTILHA EDUCACIONAL SOBRE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL PARA MULHERES TRANS .	96
APÊNDICE I – INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO PELO PÚBLICO-ALVO DA CARTILHA EDUCACIONAL SOBRE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL PARA MULHERES TRANS	99
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	100
ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA	104

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que pessoas trans são as que não se identificam com o gênero que foi designado desde o nascimento. Ao nascer, somos identificados pelas características genitais como macho, fêmea ou intersexo. Então, em geral, somos designados a pertencer ao gênero masculino ou feminino e como tal, a desempenharem os papéis sociais determinados pela sociedade. Com o passar do tempo, algumas pessoas percebem que não se identificam com o gênero designado ao nascer, mas com o oposto, autodeclarando como homem ou mulher trans (Jesus, 2012; Benevides, 2022).

Quando nos referimos a quem são as travestis, podemos afirmar que são as que se identificam e se aceitam no gênero feminino, oposta à designação de sexo atribuída ao nascimento, seguida de caracterização física, de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, a partir da identidade feminina. Desse modo, o artigo e os pronomes corretos a serem empregados com elas, são os do feminino (a, ela, senhora, dama, senhorita...), do contrário, configura-se como uma violência de gênero (Jesus, 2012; Benevides, 2022)

Ao longo do tempo, o termo travesti era considerado pejorativo ou associado à prostituição, contudo, o conceito vem sendo ressignificado e passou a ter mais abrangência política (Benevides, 2022)

As pessoas transexuais e travestis são vítimas frequentes, ou até mesmo diárias de formas diversas de violências, dentre as quais, a sexual que lhes afetam a qualidade de vida. Nos países que apresentam maiores níveis de desigualdades sociais, educacionais, culturais, políticas e econômicas elas são as mais afetadas pelas violências (Fonseca, 2018).

Ressalta-se que o tema em estudo só ganhou destaque a partir dos anos 1990 e com advento dos direitos humanos, a violência contra elas foi classificada como uma grave violação de direitos humanos, sendo incompatível com a dignidade e o valor do ser humano (Fonseca, 2018).

Emprega-se o termo violência sexual neste estudo com sentido equivalente ao definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que o considera como qualquer ato sexual, qualquer tentativa de consumir um ato sexual, quaisquer comentários/insinuações sexuais indesejados, ou quaisquer ações para comercializar ou usar a sexualidade de outra pessoa por meio da coerção por outrem, independentemente do lugar e do grau de relacionamento entre o agressor e a vítima, incluindo casa e local de trabalho (Krug *et al.*, 2002).

A sociedade civil brasileira oprime as minorias, em especial as de orientações sexuais e

identidades de gênero que fogem aos padrões cisheteronormativo e de identidade de gênero binária (homem cis/mulher cis). Outros grupos socialmente excluídos são mulheres, adolescentes, pessoas idosas, pobres, profissionais do sexo, pessoas pretas, povos indígenas, dentre outros (Vergueiro, 2015)

Esta opressão, muitas vezes, age dificultando o acesso dessas minorias aos seus direitos fundamentais e legais, previstos na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988: direitos individuais e coletivos (artigo 5º da CF), direitos sociais (do artigo 6º ao artigo 11 da CF), direitos de nacionalidade (artigos 12 e 13 da CF) e direitos políticos (artigos 14 ao 17 da CF) (TGEU, 2018).

Nesse contexto, pessoas trans e travestis vivem em situação de extrema vulnerabilidade social e de saúde, com escassas oportunidades no mercado de trabalho e, por vezes, falta de formação básica que possibilite sua inserção no trabalho formal. Em decorrência do ciclo de violações vivenciado por esse grupo, muitas dessas pessoas têm no trabalho sexual a única opção para garantir a sua sobrevivência. Este é um dos reflexos da transfobia, algo que as impedem que sejam inseridas em todos os espaços da sociedade (Melo, 2020)

Além desses fatos, as práticas de violências que lhes são direcionadas ocorre de forma heterogênea, destacando-se as físicas, psicológicas e sexuais. Apesar desses casos serem identificados, sua contabilização e notificação são impedidas pela falta de profissionais qualificados que atuem num contexto de educação em saúde, enfrentado por dificuldades para o registro, que resulta na maioria das vezes na subnotificação dos dados (TGEU, 2018).

Nessa conjuntura, o presente estudo apresenta a temática da violência sendo contemplada na Agenda 2030 que discorre sobre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) do milênio. No qual encontra-se em consonância com o objetivo 5 “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (Brasil, 2018).

No Brasil, o Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão por meio do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) realizou a adequação das metas globais para a realidade brasileira. Bem como forneceu um material visando orientar os gestores no planejamento de estratégias que cooperem para o alcance dos ODS (Brasil, 2018).

Dentre as metas do ODS 5, encontram-se: Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte; Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos; Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas; Aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento

das mulheres; Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis (Brasil, 2018).

A Agenda 2030 possibilita a reflexão sobre a saúde global e as questões emergentes da saúde pública, congregando “princípios ético-políticos e conhecimentos voltados para enfrentar iniquidades em saúde no mundo globalizado” (Burigo; Porto, 2021, p. 4.412). No que se relaciona à violência transfóbica, apesar da temática estar presente no objetivo 5 e o debate sobre os casos presentes diariamente, as medidas traçadas para combater esta problemática, que perpassa fronteiras geográficas e políticas, ainda não são resolutivas.

A educação em saúde é uma estratégia que pode ser utilizada no empoderamento das pessoas trans e travestis e na prevenção da violência sexual, inclusive. O processo de ensino e aprendizagem deverá ser construído por meio do diálogo entre os integrantes, sendo sempre marcada pela troca franca de informações. Suas ações não deverão se restringir às atividades de repasse de informações, a fim de não reproduzir o modelo de educação bancária (Fontana *et al.*, 2020).

A educação em saúde pode ser realizada usando métodos ativos de aprendizagem em grupos ou de forma individual. Essa abordagem é reconhecida por alavancar o desenvolvimento das atividades de forma participativa, valorizando a contribuição individual e enriquecendo o conhecimento de todas as partes envolvidas. Os métodos ativos favorecem o diálogo num lugar de igualdade, promovendo a troca de conhecimentos formais e informais, conectando o saber acadêmico às experiências de vida (Silva *et al.*, 2018)

Uma limitação recorrente para a implantação da educação em saúde, é a ineficiência da comunicação entre o enfermeiro e o público assistido, ou ainda quando não se utiliza de alguma ferramenta de tecnologia educacional. As informações passadas podem ser superficiais, muito complexas ou não fazer sentido naquele momento para a pessoa. Assim, a educação em saúde se torna potencialmente mais eficaz quando encontra-se direcionada ao contexto e as necessidades dos envolvidos, permitindo que eles interajam, troquem experiências e aproximem suas realidades, exercendo sua autonomia (Freire, 2016).

As tecnologias educacionais (TE) são recursos importantes que facilitam o processo de ensino-aprendizagem, auxiliam na promoção da saúde, prevenindo agravos à saúde e aumentando o alcance das ações educativas, por meio de estratégias inovadoras. As TE podem ser classificadas como dura (normas, equipamentos tecnológicos e instrumentos), leve-dura (modelos de cuidado, processo de enfermagem e teorias) e também leves (gestão de serviço, acolhimento) (Merhy, 2002; Nietzsche *et al.*, 2012).

Os enfermeiros podem fazer uso de diferentes ferramentas para ampliar o poder de efetividade de suas ações educacionais, especialmente quando usam de tecnologias educacionais para se comunicarem com as pessoas nos diversos contextos de atuação. Dentre as quais, cartilhas, manuais, protocolos, jogos educativos ou recursos tecnológicos como softwares e sites, podem ser utilizados com presença de enfermeiros ou não. Ao realizar a integração das pessoas no processo de ensino-aprendizagem, o profissional as torna potenciais mediadores e protagonistas do cuidado (Diniz *et al.*, 2019).

Desenvolve-se uma cartilha no formato de livro, com diferentes informações e ilustrações acerca do assunto a que se destina, sendo uma fonte de aprendizado e possíveis consultas. É importante que, durante o processo de construção desse material atentar para que o caráter pedagógico seja mantido, de modo que o conteúdo e as ilustrações estejam interligados para uma melhor compreensão do leitor (Sabino, 2016).

Assim, com este estudo, propõe-se a construir uma cartilha educacional para mulheres trans e, posteriormente, avaliá-la disponibilizando-a como um recurso que poderá ser rotineiramente utilizado durante o processo de educação em saúde. De modo geral, a cartilha é usualmente disponibilizada como um recurso impresso, entretanto, com o avanço tecnológico também pode ser disponibilizada no formato digital. Esse poderá facilitar o acesso da maioria das pessoas que buscam os serviços públicos de saúde, e por sua vez pode ter alcance limitado em regiões sem acesso à internet, para realizar o download (Duarte, 2018).

Consideramos que a cartilha educacional neste estudo é necessária e pertinente, uma vez que mulheres trans, vítimas de violência sexual, não a reconhecem como tal, devido à falta de conhecimento acerca dessa forma de violência. A cartilha educacional atuaria nesse sentido como um recurso para a educação em saúde destas pessoas, fornecendo informações sobre a tipificação da violência e assim atuando na prevenção de novos casos.

Para a realização deste estudo, elaborou-se a seguinte questão norteadora: Quais os requisitos para a construção e avaliação de uma cartilha educacional quanto ao conteúdo, a aparência e a semântica por juízes especialistas e pelo público-alvo sobre o enfrentamento da violência sexual para mulheres trans?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Construir uma cartilha educacional válida para mulheres trans sobre o enfrentamento da violência sexual.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar uma revisão integrativa da literatura sobre a temática em estudo;
- Analisar o conhecimento de mulheres trans sobre violência sexual;
- Identificar os conteúdos para o desenvolvimento da cartilha;
- Realizar a avaliação de conteúdo da cartilha com juízes especialistas;
- Realizar a avaliação de aparência e a semântica da cartilha, com o público-alvo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com as normas estabelecidas pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco, este tópico será contemplado por uma revisão integrativa em formato de artigo sobre a temática do projeto e por subtópicos que subsidiarão o desenvolvimento da cartilha educacional.

3.1 VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA PESSOAS TRANS E TRAVESTIS

A violência é definida pela OMS por meio da Resolução WHA49.25, como o uso intencional da força física ou do poder, real ou sob ameaça, contra si próprio, outra pessoa, grupo ou comunidade, que tenha grande probabilidade de resultar ou resulta em dano psicológico, deficiência de desenvolvimento, privação, lesão ou morte (WHO, 1996).

A violência sexual, por sua vez, é todo ato sexual, seja ele em caráter ou de consumação do ato, insinuações sexuais indesejadas, ações para comercializar e ainda usar de qualquer outro modo à sexualidade de uma pessoa por meio da coerção por outro indivíduo, independente da relação com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho (Delziovo *et al.*, 2018).

A violência se configura como uma questão social, e, portanto, não é objeto de um setor específico. Torna-se um tema mais ligado à saúde por estar associada à qualidade de vida, devido os danos causados após o episódio e pelas exigências de atenção e cuidados dos serviços hospitalares, bem como pelo amplo conceito de saúde da OMS, que a saúde seria o completo bem-estar físico, mental, social e espiritual dos indivíduos e não apenas a ausência de doença (WHO, 2018).

Os episódios de violência contra trans e travestis ocorrem de diferentes modos, destacando-se as agressões físicas, psicológicas e, na maioria das vezes, a sexual. Segundo dados da Associação Nacional de Trans e travestis (ANTRA), tais episódios vêm aumentando de maneira progressiva, principalmente no Brasil que é o país que mais mata trans e travestis mundialmente (ANTRA, 2020).

É imprescindível mencionar que as pessoas trans e travestis, muitas vezes, têm sua identidade de gênero negada em ambientes educacionais e profissionais, dentre outros da esfera social. O preconceito contribui para a marginalização, inferiorização dessas pessoas e compromete o ingresso no mercado de trabalho. Isso as expõe a situações de vulnerabilidade, ambiente e condições de trabalho insalubres o que acaba as levando ao mercado de trabalho

informal como profissional do sexo. É evidente que a transfobia influencia no cotidiano do público travesti e transexual (Melo, 2020).

3.2 ENFERMAGEM E EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O USO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

A educação em saúde é um método que pode ser utilizado pelo enfermeiro para promover saúde em qualquer local de atendimento. É um mecanismo de elaboração de conhecimento que visa à adequação da temática para melhor atender a população. Assim, a aplicação dessa metodologia contribui para ampliar a autonomia dos indivíduos para o autocuidado (Falkenberg *et al.*, 2014).

Em 1960, Paulo Freire apresenta com pioneirismo um movimento denominado de educação popular que influencia na criação do conceito de educação em saúde, que pode ser utilizado pelo enfermeiro para estimular a transformação consciente da realidade do indivíduo, e assim, promover a saúde. Pensar ações condizentes com o público-alvo e suas necessidades contribui para a construção de conhecimento, e por sua vez influencia as atitudes e práticas do grupo (Araújo *et al.*, 2018).

As tecnologias podem ser classificadas como Tecnologias Educacionais (TE), que são dispositivos para a aprimorar de processos de ensinar e aprender, usadas entre educadores e educandos, nos processos de educação; as Tecnologias Assistenciais (TA), ferramentas para a melhorar os processos de cuidar, aplicadas por profissionais com os clientes-usuários dos sistemas de saúde; e as Tecnologias Gerenciais (TG), instrumentos para a mediação de processos de gestão, utilizadas por profissionais nos serviços e unidades dos diferentes sistemas de saúde (Nietsche *et al.*, 2005).

Na Enfermagem, as tecnologias podem ser classificadas como: tecnologia do cuidado e tecnologias educacionais. A tecnologia do cuidado classifica-se em: tecnologias de manutenção, que são as tecnologias leves de acolhimento, relacionadas aos hábitos de vida; tecnologia de reparação, aquela que exige conhecimento por parte dos enfermeiros para a sua execução, como a utilização de uma escala; e tecnologia de informação, que é um conjunto de informações sobre aspectos de saúde que são usadas por software; já as tecnologias educacionais, possibilitam a troca de conhecimento entre educador e educando a partir de métodos inovadores, favorecendo a construção e reconstrução do saber (Carvalho *et al.*, 2014).

Além destas, temos as Tecnologias Cuidativo-educacionais (TCE), caracterizadas como auxiliadoras do processo de cuidar e educar em saúde, subsidiadas pela construção do

conhecimento individual e coletivo, proporcionando ao indivíduo o diálogo efetivo e a troca de experiências conducentes ao aprimoramento de competências. Uma TCE pode estar materializada de variadas formas, tais como: folders, cartilhas, jogos, vídeos, simuladores. Elas são vitais para o processo de trabalho em saúde, promovendo comunicação e orientação de pacientes e familiares, na busca do (auto)aprendizado e autonomia dos diferentes sujeitos (Salbego *et al.*, 2018).

Dentre os recursos produzidos pela Enfermagem, destacam-se o desenvolvimento de cartilhas, jogos educativos, softwares, websites. Segundo Áfio *et al.* (2014, p. 161) “A cartilha é um material educativo que possibilita ao paciente melhor compreensão acerca do problema de saúde vivenciado, auxiliando-o a refletir sobre seu estilo de vida e a desenvolver a capacidade de autonomia nos cuidados da saúde”.

O enfermeiro precisa conhecer seu público e particularidades, a fim de contemplá-las na tecnologia integrando o fazer, o pensar e o ser no que concerne ao cuidado de Enfermagem. Estes recursos vêm atuando para combater o desconhecimento dos pacientes acerca da sua condição de saúde, por serem criativos, dinâmicos e atrativos. Seu uso deve ser incentivado de forma coerente, visando a transformação social através do desenvolvimento social e político individual e coletivo (Áfio *et al.*, 2014).

3.3 REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

VIOLÊNCIA SEXUAL PERPETRADA CONTRA MULHERES TRANS TRABALHADORAS DO SEXO

INTRODUÇÃO

Caracterizam-se pessoas trans aquelas que não se reconhecem com o gênero designado ao nascimento que, também, por isso, a violência em forma de discriminação contra elas é real e significativa, assim como a sexual, considerada um grave problema de saúde pública mundial, de proporções epidêmicas, devido aos impactos causados não apenas à saúde delas, mas, relacionados aos aspectos sociais e econômicos, sem considerar a influência nas taxas de morbimortalidade.¹⁻⁴

Ressalta-se que as pessoas trans sobre as quais a violência é “naturalizada”, são oprimidas pela expressão da orientação sexual e identidade de gênero, raça e cor da pele, classe social, assim como pela condição de trabalhadoras do sexo. Por sua vez, os perpetradores têm

consciência de seus atos criminosos perpetuando a cultura de punição ou de poder sobre elas.⁵⁻⁷

Atos sexuais (oral e anal) de forma não consentidas e desprotegidas são uma realidade na vida das mulheres trans em diferentes cenários, de modo insertivo ou receptivo, independentemente de trabalho sexual. Esses possuem a finalidade de inferiorizar a mulher, normalmente acompanhados de outras agressões, intimidações, ameaças e espancamentos.⁸

É imprescindível mencionar que nesse contexto as pessoas trans, muitas vezes, têm suas identidades de gênero negadas em espaços escolares, unidades de saúde, local de trabalho, dentre outros da esfera social, configurando-se no crime de violência institucional. Em decorrência desse ciclo de violações vivenciadas, muitas mulheres têm no trabalho sexual a única opção para garantir a sua sobrevivência.⁸⁻⁹

Este é um dos reflexos da transfobia, que as impedem de serem inseridas em todos os espaços da sociedade. O preconceito, a rejeição, a hostilização e a discriminação expõem as mulheres trans diariamente pela reprodução de uma realidade binária e heteronormativa, imersa numa estrutura de opressão.⁸⁻¹⁰

Diante do exposto, apresenta-se como pergunta condutora: Quais as evidências científicas sobre violência sexual perpetrada contra mulheres transexuais trabalhadoras do sexo?

OBJETIVO

Analisar a produção científica sobre a violência sexual perpetrada contra mulheres trans trabalhadoras do sexo.

MÉTODO

Estudo bibliográfico, descritivo, tipo revisão integrativa de literatura, sem recorte temporal, de acordo com as seguintes etapas: 1) definição da questão norteadora; 2) definição dos critérios de inclusão e exclusão; 3) caracterização e definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; 4) avaliação dos estudos; 5) interpretação dos resultados; 6) apresentação da revisão/síntese do conhecimento.¹¹⁻¹⁴

Para a elaboração da questão norteadora “Quais as evidências científicas sobre violência sexual perpetrada contra mulheres trans trabalhadoras do sexo?” foi utilizada a Estratégia PICO: P (População): Mulheres trans; I (Interesse): Violência sexual; Co (Contexto): Trabalhadoras do sexo.¹⁵

O levantamento dos dados de junho a julho de 2021 foi nas bases de dados: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (Medline), *Cumulative Index of Nursing and Allied Health Literature* (CINAHL), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da

Saúde (LILACS), SCOPUS (Elsevier), *Web of Science* (WoS), EMBASE e *American Psychological Association Base* (PSYCINFO).

Para a busca dos artigos no idioma Português utilizaram-se os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) bem como seus equivalentes na língua Inglesa disponível no Medical Subject Headings (MeSH): “Pessoas Transgênero”, “Delitos Sexuais”, “Profissionais do Sexo”, “*Transgender Person*”, “*Transgender*”, “*Gender Identity*”, “*Transsexualism*”, “*Non-Operated Transsexual*”, “*Sex Offenses*”, “*Sexual Violence*”, “*Sexual Abuse*”, “*Sex Workers*”, “*Prostitutes*”, “*Sex Workers Clients*”

Para sistematizar a coleta de dados em dupla, utilizou-se a busca avançada, considerando peculiaridades e características intrínsecas a cada base de dados. Os descritores foram combinados entre si com o conector booleano OR, em cada conjunto de termos da estratégia PICO, em seguida, cruzados com o conector booleano AND, apresentado no Quadro 1.

Foram considerados os critérios de inclusão: artigos originais, publicados no período de 2011 a 2021, nos idiomas português e inglês. Foram excluídas publicações cinzentas (teses, dissertações, monografia, livros, capítulos de livros, resumos de congressos, anais, programas e relatórios governamentais, artigos de revisão e publicações duplicadas), publicações que não responderam à questão norteadora e artigos não disponíveis gratuitamente.

Quadro 1 – Estratégia de busca nas bases de dados a partir da estratégia PICO. Recife, PE, Brasil, 2022.

BASE DE DADOS SCOPUS		
Pesquisa	Estratégia	Resultados
PICO	P AND I AND Co P ALL FIELDS <i>Transgender Person OR transgender OR gender identity OR transsexualism OR Non-operated transsexual</i> I ALL FIELDS <i>Sex Offenses OR Sexual Violence OR Sexual Abuse</i> Co ALL FIELDS <i>Sex Workers OR Prostitutes OR Sex Workers Clients</i>	855

Quadro 1 – Estratégia de busca nas bases de dados a partir da estratégia PICo. Recife, PE, Brasil, 2022. (Continuação)

MEDLINE		
Pesquisa	Estratégia	Resultados
PICo	P AND I AND Co P <i>ALL FIELDS Transgender Person OR transgender OR gender identity OR transsexualism OR Non-operated transsexual</i> I <i>ALL FIELDS Sex Offenses OR Sexual Violence OR Sexual Abuse</i> Co <i>ALL FIELDS Sex Workers OR Prostitutes OR Sex Workers Clients</i>	77
EMBASE		
Pesquisa	Estratégia	Resultados
PICo	P AND I AND Co P <i>ALL FIELDS Transgender Person OR transgender OR gender identity OR transsexualism OR Non-operated transsexual</i> I <i>ALL FIELDS Sex Offenses OR Sexual Violence OR Sexual Abuse</i> Co <i>ALL FIELDS Sex Workers OR Prostitutes OR Sex Workers Clients</i>	28
<i>Web of Science</i>		
Pesquisa	Estratégia	Resultados
PICo	P AND I AND Co P <i>ALL FIELDS Transgender Person OR transgender OR gender identity OR transsexualism OR Non-operated transsexual</i>	25

Quadro 1 – Estratégia de busca nas bases de dados a partir da estratégia PICo. Recife, PE, Brasil, 2022. (Continuação)

<i>Web Of Science</i>		
Pesquisa	Estratégia	Resultados
Web of Science		
PICo	I <i>ALL FIELDS Sex Offenses OR Sexual Violence OR Sexual Abuse</i> Co <i>ALL FIELDS Sex Workers OR Prostitutes OR Sex Workers Clients</i>	25
BVS LILACS		
Pesquisa	Estratégia	Resultados
PICo	P AND I AND Co P <i>ALL FIELDS Transgender Person OR transgender OR gender identity OR transsexualism OR Non-operated transsexual</i> I <i>ALL FIELDS Sex Offenses OR Sexual Violence OR Sexual Abuse</i> Co <i>ALL FIELDS Sex Workers OR Prostitutes OR Sex Workers Clients</i>	21
Psycinfo		
Pesquisa	Estratégia	Resultados
PICo	P AND I AND Co P <i>ALL FIELDS Transgender Person OR transgender OR gender identity OR transsexualism OR Non-operated transsexual</i> I <i>ALL FIELDS Sex Offenses OR Sexual Violence OR Sexual Abuse</i>	18

Quadro 1 – Estratégia de busca nas bases de dados a partir da estratégia PICO. Recife, PE, Brasil, 2022. (Continuação)

Pesquisa	Estratégia	Resultados
PICO	Co ALL FIELDS Sex Workers OR Prostitutes OR Sex Workers Clients	18
CINAHL		
Pesquisa	Estratégia	Resultados
PICO	P AND I AND Co P ALL FIELDS Transgender Person OR transgender OR gender identity OR transsexualism OR Non-operated transsexual I ALL FIELDS Sex Offenses OR Sexual Violence OR Sexual Abuse Co ALL FIELDS Sex Workers OR Prostitutes OR Sex Workers Clients	8

Após o levantamento das produções científicas, foram organizadas pelo uso do gerenciador de dados e referências *Mendeley*, enumeradas e excluídas as duplicatas. O título e o resumo foram lidos por dois pesquisadores independentes (duplo cego), por meio do aplicativo Rayyan QCRI, e incluídos na amostra as que tiveram proximidade com a temática do estudo, em seguida, um terceiro colaborador estabeleceu consenso entre os pares nos casos em que houve discrepâncias, visando a minimizar os vieses.

Para confirmar a elegibilidade dos artigos foram lidos na íntegra e, após a leitura do material, foram excluídos os que não responderam à questão norteadora e os que não realizaram coleta de dados com mulheres trans bem como os que não estavam disponíveis na íntegra, obtendo-se a amostra final. A amostra final ficou caracterizada em dois artigos científicos.

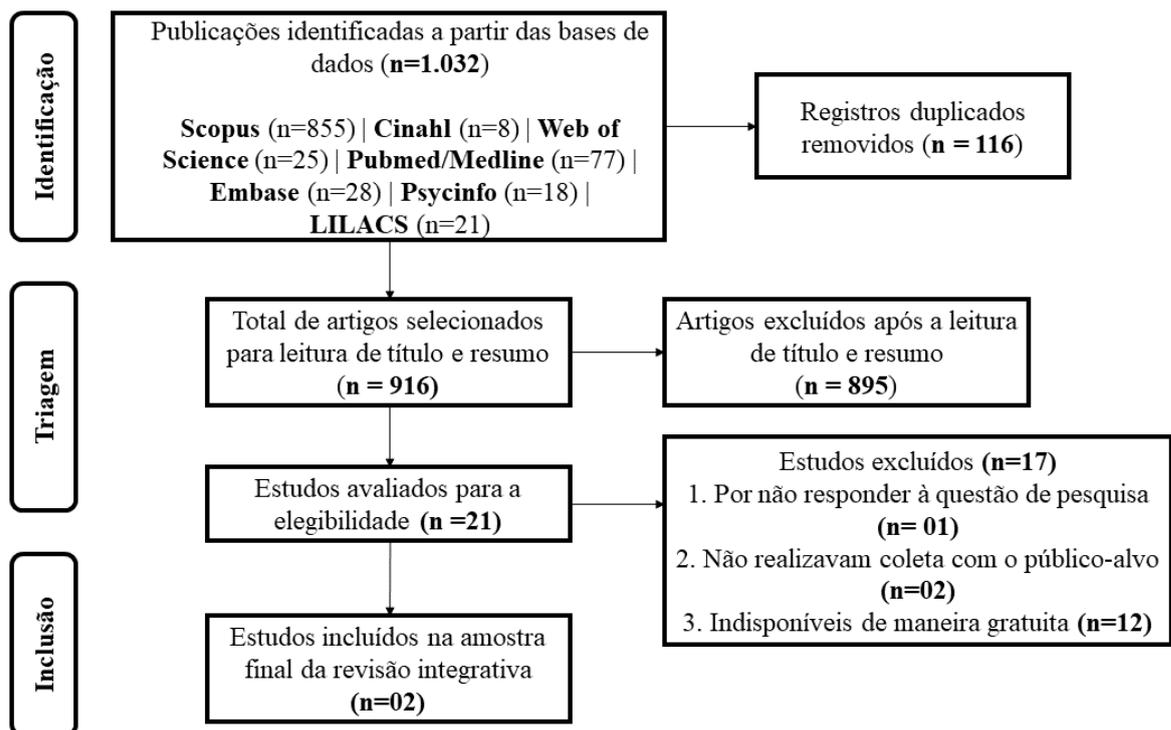
As seguintes informações dos artigos foram extraídas por meio do formulário padronizado desenvolvido por Ursi e Galvão (2006)¹⁶: autores, ano de publicação, país, objetivo, nível de evidência e resultados principais; em seguida, foram avaliados o nível de evidência, respaldado na categorização, em conformidade com a abordagem metodológica da *Agency for Healthcare Research and Quality (AHRQ)*, a saber: Nível I – Revisões sistemáticas

ou metanálise de ensaios clínicos relevantes; Nível II – Ensaio clínico randomizado controlado bem delineado; Nível III – Ensaios clínicos bem delineados sem randomização; Nível IV – Estudos de coorte e de caso-controle bem delineados; Nível V – Revisão sistemática de estudos descritivos e qualitativos; Nível VI – Evidências derivadas de estudo único, descritivo ou qualitativo; Nível VII – Opinião de autoridades ou relatório de comitês de especialistas.¹⁷

Foi confeccionado o fluxograma nas recomendações do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA-2020) visando o rigor metodológico e a apresentação dos resultados (Figura 1).¹⁸

Os artigos foram analisados de maneira descritiva e posteriormente foram criadas categorias temáticas para um melhor entendimento dos resultados.

Figura 1 – Fluxograma dos estudos selecionados adaptado do modelo PRISMA-2020. Recife, PE, Brasil, 2022.



RESULTADOS

Após a primeira análise, dois artigos foram selecionados para compor a amostra da revisão. Em relação ao ano de publicação, um artigo foi publicado no ano de 2015 (n=1) e o outro no ano de 2021 (n=1); quanto ao idioma: Inglês (n=2); quanto ao país de origem: Mongólia (n=1) e Califórnia (n=1); quanto ao nível de evidência, a amostra em totalidade (n=2) se enquadraram no nível VI. Nos quadros 2 e 3 apresentam-se os dados das publicações.

Quadro 2 – Distribuição dos artigos segundo autores, ano de publicação e objetivo. Recife, PE, Brasil, 2022.

Estudo	Autores	Ano de publicação	Objetivo
E1¹⁸	Galvan <i>et al.</i>	2021	Examinar a violência infligida contra mulheres trans latinas que convivem com o HIV por parceiros primários, parceiros sexuais e conhecidos/estranhos.
E2¹⁹	Peitzmeier <i>et al.</i>	2015	Apresentar a prevalência estimada e correlações de violência contra homens que fazem sexo com homens (HSH) e mulheres trans na Mongólia.

Quadro 3 – Distribuição dos artigos segundo país, principais resultados e o nível de evidência. Recife, PE, Brasil, 2022.

Estudo	País	Principais resultados	Nível de Evidência
E1¹⁸	Califórnia	Os casos de violência sempre aconteceram por algum parceiro fixo ou com os clientes durante os “programas sexuais”, relatando que o principal sentimento após a violência foi o medo. Para lidar com a violência, elas procuram suas redes sociais de apoio, no entanto, baixos níveis de apoio social foram relatados pelos participantes.	VI
E2¹⁹	Mongólia	As mulheres trans e os HSH que participaram do estudo relatam que não possuem suporte social de seus familiares, nem dos seus amigos.	VI

Quadro 3 – Distribuição dos artigos segundo país, principais resultados e o nível de evidência. Recife, PE, Brasil, 2022. (Continuação)

Estudo	País	Principais resultados	Nível de Evidência
E2 ¹⁹	Mongólia	Relataram que costumam esconder todas as violências que passam, como também sua orientação sexual e identidade de gênero. O estigma social também influenciou o acesso à justiça para sobreviventes de violência sexual.	VI

DISCUSSÃO

As principais violências perpetradas contra mulheres trans trabalhadoras do sexo são as violências sexuais, verbais, físicas; caracterizada de diferentes formas, a exemplo do assédio por meio de xingamentos, terrorismo psicológico, ameaças, intimidação, que por muitas vezes, resultam em espancamentos e até assassinato.^{18,20-21}

Muitas vezes, a violência para a população estudada está dentro do seu próprio seio familiar, através dos parceiros primários ou por algum parente próximo. Para a maioria dessas pessoas, essas situações iniciam ainda na infância e adolescência por meio do abuso sexual, tendo uma quebra de confiança precoce, onde reverbera na forma de como essas pessoas vão se relacionar posteriormente, em sua fase adulta.^{18,20}

As agressões sofridas pelas mulheres transexuais deixam um sentimento de medo, tal sentimento repercute e influencia em quadros de ansiedades, transtornos do estresse pós-traumáticos, transtornos do sono. Associado a isso, a nossa sociedade LGBTfóbica agrega um estresse adicional em uma população que já enfrenta cargas sociais, psicológicas e de saúde significativas.¹⁰

A discriminação generalizada sofrida por essa população atua impactando nas questões socioeconômicas, dificultando acesso ao mercado de trabalho, a moradia, e condições dignas de qualidade de vida e bem-estar. Por não possuírem uma rede de apoio, essas mulheres necessitam recorrer a formas informais de geração de renda, principalmente, trabalho sexual. No qual estão mais expostas a violência sexual, físicas e infecção por IST's, muitas vezes ainda na adolescência.¹⁸⁻²¹

A cultura heterocisnormativa ainda se encontra enraizada mundialmente, trazendo fortes influências na disseminação do preconceito e estigmas contra a população transexual. A

propagação do ódio deixa essas pessoas mais vulneráveis a sofrer qualquer tipo de violência, incluindo a sexual. Dessa forma, por não se encaixarem ao que é dado como “normal”, o círculo social e de suporte a essa população se encontra constantemente enfraquecido.²²

Ao sofrer violência, a vítima inclina-se a procurar suas redes sociais para obter apoio. Entretanto, o apoio social muitas vezes é negado por seus familiares, amigos e principalmente pelos profissionais que são designados a cuidar, quando o apoio é recebido por mulheres transexuais, em alguns casos pode variar de acordo com os marcadores sociais como condição socioeconômica desfavorável da mulher, cor da pele (preta, parda).¹⁸

No estudo realizado na Mongólia, é possível observar de forma mais concreta a fragilidade dos laços entre amigos, em um trecho de uma das entrevistadas: “(...) se eu contar isso para meus amigos gays, eles não vão acreditar que eu não queria (...) eu nunca contei a ninguém sobre isso (...)”.¹⁹ A escassez na rede de apoio, principalmente quando elas sofrem violências, faz emergir o sentimento de desamparo. Tal sentimento pode ser capaz de influenciar a sua percepção sobre si, seus direitos e o seu papel social.¹⁹

O raciocínio também se concretiza nos estudos de outro autor ao mostrar, através de uma pontuação média (2,42) dentre as mulheres trans profissionais do sexo que foram entrevistadas (n=131), que poucas detinham de algum apoio emocional e financeiro por parte de amigos e parentes.²¹ De tal modo, quando lhes falta o amparo, quando a vítima é culpabilizada ou descredibilizada seja por um familiar, amigos ou por instituições e seus profissionais. O pedido de socorro é silenciado e as violências transformam-se em atitudes cada vez mais comuns.¹⁰

As instituições representantes do Estado que têm como objetivo proteger as vidas das mulheres trans de toda a população, apresentam e mantêm suas condutas muitas vezes focadas no contexto heterocisnormativo. O Estado e seus representantes realizam ações insuficientes e algumas vezes equivocadas para atender às urgências das pessoas que não se enquadram nesse contexto.

Isso posto, nota-se a urgente necessidade de ampliação de conhecimentos e a realização de treinamentos, criação e fortalecimento dos serviços especializados voltados às especificidades das mulheres trans, sobretudo na área da saúde, a fim de minimizar os desdobramentos da violência contra a população trans.

CONCLUSÃO

As evidências científicas demonstram que as mulheres transexuais em especial, as trabalhadoras do sexo, sofrem diversos tipos de violência além da sexual, a exemplo: assédio,

terror psicológico, ameaças e agressões físicas. A vulnerabilidade dos laços e redes sociais interfere intimamente no estado emocional dessas mulheres, na sua percepção sobre si e, principalmente, nas estratégias de enfrentamento de atos violentos dirigidos a elas.

A dificuldade rotineira da população trans em ser aceita em diversos âmbitos da esfera social é um reflexo das profundas raízes culturais da heteronormatividade vigente de uma configuração mundial. A discriminação, resultante do preconceito, incentiva a marginalização dessa população que a colocara em uma situação de vulnerabilidade socioeconômica, afetiva e familiar. Tal vivência reverbera no quantitativo de mulheres trans trabalhadoras do sexo que usam essa alternativa como seu meio de sobrevivência econômica.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization (WHO). Coding disease and death. Geneva: WHO; 2018.
2. Zenklub. Existência trans: o que é ser transsexual, transgênero ou travesti?. Zenklub; 2020 [cited 2021 Sep 23]. Available from: <https://zenklub.com.br/blog/autoconhecimento/transsexual/>
3. Jesus JG de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília (DF): Jaqueline Gomes de Jesus; 2012 [cited 2021 Jun 27]. Available from: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989
4. Benevides BG, Nogueira SNB. Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE; 2020 [cited 2021 Sep 30]. Available from: <https://static.poder360.com.br/2020/01/levantamento-antra.pdf>
5. Transgender Europe (TGEU). TMM Update Trans Day of Remembrance 2018. Berlin, Germany: Transgender Europe; 2018 [cited 2021 Apr 29]. Available from: <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2018/>
6. Pimenta, VM. Por trás das grades: encarceramento em massa no Brasil. Rio de Janeiro: Revan; 2018.
7. Gloeckner RJ. Autoritarismo e Processo Penal: uma genealogia das ideias autoritárias no processo penal brasileiro. Florianópolis: Tirant Lo Blanch; 2018.
8. Guitele JR, Manisha J, Jerome G, Ollis J. Experiences of sexual and gender minorities in an urban enclave of Haiti: despised, beaten, stoned, stabbed, shot and raped. *Cult Health Sex*. 2020; 22(6):690-704. doi: <https://doi.org/10.1080/13691058.2019.1628305>

9. Melo LSF. Transexuais no mercado de trabalho: percurso histórico e as marcas do preconceito na violação ao direito fundamental ao trabalho [Dissertação]. Recife (PE): Faculdade Damas; 2020.
10. Silva ICBD, Araújo ECD, Santana ADS, Moura JWDS, Ramalho NDA, Abreu PDD. Gender violence perpetrated against trans women. *Rev Bras Enferm.* 2022 [cited 2022 Mar 22]; 75(Suppl 2):e20210173. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0173>
11. Whitemore R, Knafk K. The integrative review: updated methodology. *J Adv Nurs.* 2005 [cited 2021 Jan 08] 52(5):546–53. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x>
12. Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Context Enferm.* [Internet]. 2008 [cited 2021 Jan 10];17(4):758-64. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>
13. Soares CB, Hoga LAK, Peduzzi M, Sangaleti C, Yonekura T, Silva DRAD. Integrative review: concepts and methods used in nursing. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2014 [cited 2021 Jan 10]; 48(2):329-39. doi: <https://doi.org/10.1590/S0080-6234201400002000020>
14. Sá GGM, Silva FL, Santos AMR, Nolêto JS, Gouveia MTO, Nogueira LT. Technologies that promote health education for the community elderly: integrative review. *Rev Latino-Am Enferm.* 2019 [cited 2021 Jan 10];27:e3186. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.3171.3186>
15. Santos CMC, Pimenta CAM, Nobre MRC. The PICO strategy for there search question construction and evidence search. *Rev Latino-Am Enferm.* 2007 [cited 2021 Jan 10]; 15(3):508-11. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-11692007000300023>
16. Ursi ES, Galvão CM. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. *Rev Latino-Am Enferm.* [Internet]. 2006;14(1):124-31. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692006000100017>
17. Galvão CM. Níveis de evidência. *Acta Paul Enferm.* 2006 [cited 2021 Jan 12]; 19(2). doi: <https://dx.doi.org/10.1590/s0103-21002006000200001>
18. Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ.* 2021; 372:n71 [acesso 17 Jan 2021]. doi: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
19. Galvan FH, Chen YT, Contreras R, O’Connell B. Violence inflicted on Latina transgender women living with HIV: rates and associated factors by perpetrator type. *AIDS Behav.* 2021; 25(1):116-26. doi: <https://doi.org/10.1007/s10461-019-02751-x>
20. Peitzmeier SM, Yasin F, Stephenson R, Wirtz AL, Deleghoimbol A, Dorjgotov M, Baral, S. Sexual violence against men who have sex with men and transgender women in Mongolia:

a mixed-methods study of scope and consequences. PLoS One. 2015; 10(10):e0139320. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0139320>

21. Cardin VSG, Martins IG, Rissato, GM. Do discurso do ódio contra a liberdade sexual de pessoas LGBT. Rev Pens Juríd. 2019; 13(1). Available from: <https://fadisp.com.br/revista/ojs/index.php/pensamentojuridico/article/view/164>

22. Shipherd JC, Berke D, Livingston NA. Trauma recovery in the transgender and gender diverse community: extensions of the minority stress model for treatment planning. Cogn Behav Pract. 2019; 26(4):629-46. doi: <https://doi.org/10.1016/j.cbpra.2019.06.001>

4 CAMINHO METODOLÓGICO

4.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo de desenvolvimento metodológico, pois se caracteriza pelo método de investigação, coleta, estruturação e análise dos dados. Esses, posteriormente, serão utilizados no desenvolvimento, validação ou avaliação de instrumentos ou tecnologias novas. Com o objetivo de tornar o instrumento confiável permitindo a sua utilização na prática clínica ou por outros pesquisadores (Polit; Beck, 2011).

A pesquisa qualitativa foca no nível de realidade que não pode ser quantificado bem como com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. A pesquisa descritiva, trata de descrever uma determinada situação, população, frequência de ação entre outros objetivos relevantes, sempre de acordo com o foco do estudo (Minayo, 2014).

4.2 DESENHO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo de desenvolvimento metodológico, precedido por uma revisão integrativa de literatura sobre a temática em estudo, e, um estudo qualitativo e descritivo objetivando analisar o conhecimento das mulheres trans sobre violência sexual e subsidiar os conteúdos para o desenvolvimento da cartilha, cumprindo-se as seguintes etapas: a) identificação dos conteúdos para o desenvolvimento da cartilha; b) desenvolvimento da cartilha com base na revisão da literatura e entrevistas realizadas com as mulheres trans; c) avaliação de conteúdo e aparência com juízes especialistas; d) avaliação de aparência e semântica com a população-alvo do estudo.

A etapa do estudo qualitativo e descritivo foi realizada com as mulheres trans, utilizando a técnica bola de neve a qual é adotada para a busca de acesso a grupos sociais mais restritos, caracterizada pela identificação de uma pessoa ou um grupo de pessoas congruentes aos dados necessários, na sequência, apresenta a proposta do estudo e, após obter/registrar tais dados, solicita que o participante da pesquisa indique outro pertencente à mesma população-alvo. Assim, a coleta de informações nesse estudo se deu atendendo ao critério de conveniência e acessibilidade (Costa, 2018).

Como ponto inicial para a coleta de dados, as mulheres trans atendidas no Espaço de Cuidado e Acolhimento Trans - HC/UFPE, Recife-PE, nordeste do Brasil foram contatadas. A escolha desse local se deu a partir do critério de intencionalidade da amostra, em virtude de

compor características necessárias para o desenvolvimento da pesquisa e reunir a população de interesse.

Para isso foi solicitada uma carta de anuência à chefia (direção) dessa instituição que possibilitou a divulgação desta pesquisa entre seus integrantes, pacientes e colaboradores.

4.3 PERÍODO DO ESTUDO

O estudo foi realizado no período de abril a junho 2022.

4.4 PARTICIPANTES DO ESTUDO E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Este estudo teve dois grupos de participantes, mulheres trans, como público-alvo para a etapa qualitativa e a avaliação de aparência e de semântica da cartilha educacional e os juízes especialistas, na avaliação de conteúdo.

A amostragem seguiu o seguinte critério de inclusão: 1. Mulheres trans com idade dos 18 anos aos 60 anos, cadastradas e acompanhadas em um Espaço de Cuidado e Acolhimento às pessoas trans.

Os juízes foram profissionais da docência e assistência, selecionados pelos critérios de elegibilidade conforme orientado por Jasper (1995): a titulação, habilidades clínicas/experiência para temática em discussão, conhecimento especializado que o torne expertise no assunto, aprovação em um teste específico para identificação de juízes, classificação alta atribuída por uma autoridade. Fizeram parte da etapa, os juízes que apresentaram pelo menos dois desses critérios. Os critérios para a seleção dos juízes que avaliaram a tecnologia e suas respectivas características, adaptadas para este estudo, podem ser visualizados no Quadro 4.

Dessa maneira, o critério de inclusão adotado foi possuir experiência docente e/ou assistencial nas áreas da saúde de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgênero e intersexo e mais da diversidade sexual e de gênero (LGBTI+)¹, saúde sexual e cuidados de enfermagem às pessoas LGBTI+. O critério de exclusão foi o preenchimento incompleto do instrumento de avaliação de validação de aparência; também, foram incluídas pessoas autodeclaradas da população “T”, mesmo que não trabalhassem ou possuíssem

¹ O símbolo “+” diz respeito à inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero que não estão explícitas na sigla, mas estão integradas às pessoas que se sentem vulneráveis por não se encontrarem cooptadas pela norma do binarismo sexual.

experiência na área da saúde, visando a representatividade e respeitando o lugar de fala do público.

Quadro 4 – Critérios e características para seleção de docentes profissionais que realizaram a validação de conteúdo, conforme o modelo proposto por Jasper, 1995. Recife, PE, Brasil, 2022.

CRITÉRIOS	CARACTERÍSTICAS
Possuir habilidade/conhecimento adquirido pela experiência.	<ul style="list-style-type: none"> - Ter experiência docente nas áreas de interesse*; - Ter experiência na execução de atividades individuais e coletivas de promoção à saúde das pessoas LGBT+;
Possuir habilidade/conhecimento especializado(s) que tornam o profissional uma autoridade no assunto.	<ul style="list-style-type: none"> - Ter sido palestrante convidado em evento científico nacional ou internacional nas áreas de interesse*; - Ter orientado um ou mais trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> com temáticas nas áreas de interesse*; - Possuir título de mestre, com dissertação em temática relativa às áreas de interesse*; - Participação em mesas-redondas de eventos científicos nas áreas de interesse*; - Possuir título de doutor, com tese em temática relativa às áreas de interesse*.
Possuir habilidade especial em determinado tipo de estudo.	<ul style="list-style-type: none"> - Ter experiência no desenvolvimento de pesquisas científicas nas áreas de interesse*; - Ter autoria em um ou mais artigos científicos com temáticas relativas às áreas de interesse*, em periódicos classificados pela CAPES; - Participação em uma ou mais bancas avaliadoras de trabalhos acadêmicos de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> com temáticas relativas às áreas de interesse*.

Quadro 4 – Critérios e características para seleção de docentes profissionais que realizaram a validação de conteúdo, conforme o modelo proposto por Jasper, 1995. Recife, PE, Brasil, 2022.

(Continuação)

CRITÉRIOS	CARACTERÍSTICAS
Possuir aprovação em um teste específico para identificar juízes.	- Ser profissional titulado pela Sociedade Brasileira de Enfermagem em Saúde Pública, ou outras instituições que realizem o reconhecimento.
Possuir classificação alta atribuída por uma autoridade.	- Ter recebido de instituição científica conhecida homenagem/menção honrosa de reconhecimento como autoridade nas áreas de interesse*; - Possuir um ou mais trabalhos premiados em eventos científicos nacionais ou internacionais, cujos conteúdos sejam referentes às áreas de interesse*.

*Áreas de interesse: tecnologia educacional, saúde de travestis, transexuais, sexualidade, saúde pública e /ou coletiva, saúde sexual e cuidados de enfermagem ao público LGBT.

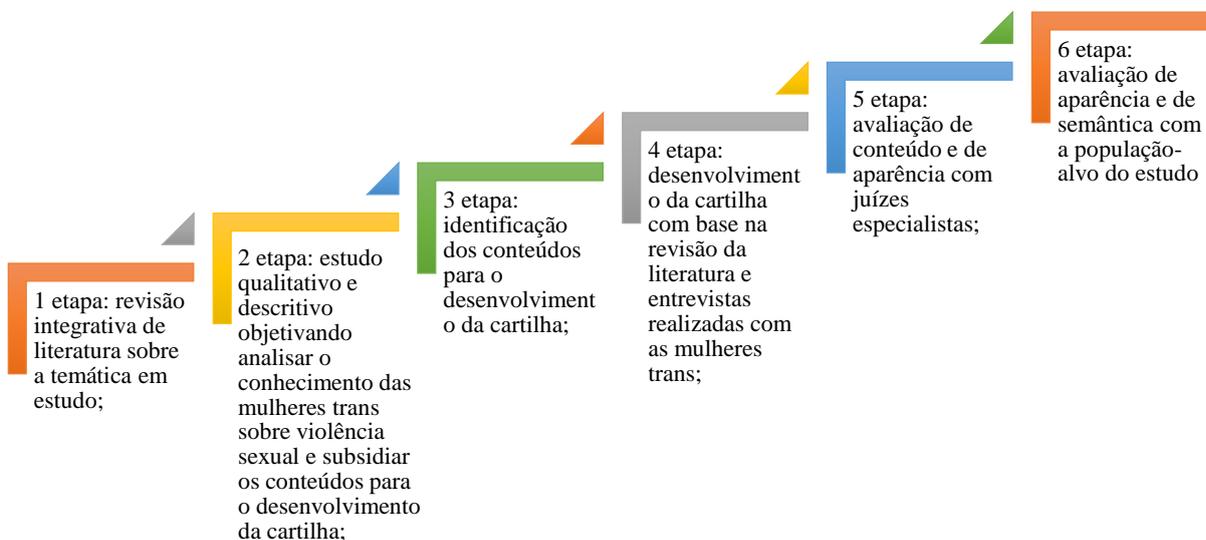
Fonte: Adaptada Jasper (1995).

4.5 ETAPAS DO ESTUDO

O estudo foi desenvolvido pelas seguintes etapas:

- a) revisão integrativa de literatura sobre a temática em estudo;
- b) estudo qualitativo e descritivo objetivando analisar o conhecimento das mulheres trans sobre violência sexual e subsidiar os conteúdos para o desenvolvimento da cartilha;
- c) identificação dos conteúdos para o desenvolvimento da cartilha;
- d) desenvolvimento da cartilha com base na revisão da literatura e entrevistas realizadas com as mulheres trans;
- e) avaliação de conteúdo e de aparência com juízes especialistas;
- f) avaliação de aparência e de semântica com a população-alvo do estudo, conforme exposto na Figura 2.

Figura 2 – Etapas do desenvolvimento da tecnologia educacional Recife, PE, Brasil, 2023.



Fonte: Própria autora (2023).

4.5.1 Etapa 1: Estudo qualitativo e descritivo objetivando analisar o conhecimento sobre violência sexual e subsidiar os conteúdos para o desenvolvimento da cartilha

Foram realizadas entrevistas com o público-alvo, visando a identificação das temáticas a serem abordadas na cartilha sobre a prevenção da violência sexual.

Foi empregada a técnica de entrevista com roteiro semiestruturado que se caracteriza em um conjunto de perguntas padronizadas a serem feitas aos entrevistados com objetivo de obter informações detalhadas acerca do fenômeno estudado (Chahal, 2021).

As entrevistas foram realizadas individualmente com o propósito de evitar multiplicação de discursos e influenciar os discursos das demais participantes, bem como por se tratar de uma temática que pode acionar gatilhos emocionais nas participantes.

Para o direcionamento das entrevistas foi feita as perguntas relacionadas ao elaboradas para este estudo, ilustrado no Quadro 5.

Quadro 5 – Perguntas condutoras das entrevistas com as mulheres trans. Recife, PE, Brasil, 2023.

<u>ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</u>
1. “Fale-me sobre a violência contra pessoas transexuais?”
2. “Você já sofreu algum tipo de violência? Em qual contexto?”

Quadro 5 – Perguntas condutoras das entrevistas com as mulheres trans. Recife, PE, Brasil, 2023. (Continuação)

<u>ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</u>
<p>Como questionamentos complementares:</p> <p>3. “Qual a sua opinião sobre a violência sexual contra pessoas transexuais?”</p> <p>4. “A violência sexual provocou sequelas na sua saúde?” Quais?</p>

Fonte: Própria autora (2023).

O contato com as participantes ocorreu pela técnica bola de neve, o recrutamento foi pela rede de amigos e conhecidos que indicaram mulheres trans, que expressaram o desejo de participar do estudo e que autorizaram compartilhar o contato telefônico. Após a primeira entrevista foi solicitado às participantes indicações de outras pessoas. Com a prévia autorização, as participantes foram informadas sobre o delineamento do estudo e em concordância de participação foi enviado via *e-mail* e/ou *WhatsApp* devido ao contexto da pandemia do novo Coronavírus o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE F).

Após a assinatura do termo de concordância foi marcado um encontro individual de forma *on-line* pela plataforma *Google Meet* para a realização das entrevistas com tempo estimado de 50 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas com prévia autorização das participantes para que fosse realizada a análise pela Técnica de Análise de Conteúdo na modalidade Análise Temática Categórica proposta por Bardin (2006), organizando a informações recolhidas numa fase de pré-análise, seguida da exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

4.5.2 Etapa 2: Revisão integrativa de literatura sobre a temática em estudo

A segunda etapa do estudo foi a revisão integrativa de literatura por meio de consultas nas bases de dados via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS): Medline, CINAHL, LILACS, SCOPUS, WoS, EMBASE e PSYCINFO.

Para a busca dos artigos utilizaram-se os seguintes DeCS: “Pessoas Transgênero”, “Delitos Sexuais”, bem como seus equivalentes na língua inglesa.

4.5.3 Etapa 3: Identificação dos conteúdos para o desenvolvimento da cartilha com as mulheres trans

Os conteúdos que foram identificados por meio da etapa de revisão de literatura e das

entrevistas realizadas com o público-alvo passaram por uma seleção e organização de modo a seguir para a etapa de desenvolvimento da cartilha.

4.5.4 Etapa 4: Desenvolvimento da cartilha educacional sobre enfretamento da violência sexual para as mulheres trans

A partir das entrevistas, foram elaborados os textos escritos de forma clara considerando a linguagem acessível para o público-alvo. Para auxiliar no processo de formatação de imagens e diagramação da cartilha foi utilizado o programa Canva (ferramenta gratuita de design gráfico on-line que pode ser usada para criar posts para redes sociais, apresentações, cartazes, vídeos...)

O desenvolvimento da cartilha ocorreu com base nos resultados da revisão da literatura e das entrevistas realizadas com as mulheres trans. Foram seguidas as recomendações acerca das orientações para a concepção de materiais educativos de Moreira *et al.* (2003) adaptado para este estudo para a concepção e eficácia de materiais educacionais, respaldadas nas características: conteúdo, linguagem, organização, *layout*, ilustração, aprendizagem e motivação, conforme descrito no Quadro 6.

A fim de garantir a qualidade e um conteúdo de fácil compreensão do texto da cartilha, foram empregadas frases curtas, adequadas, de fácil entendimento com apresentação de conceitos e ações em ordem lógica.

Quadro 6 – Aspectos da Linguagem, Ilustração e Layout que devem ser considerados na elaboração do material educativo em saúde, segundo Moreira *et al.* (2003). Recife, PE, Brasil, 2022.

LINGUAGEM	<p>1 - A credibilidade da mensagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comunicar uma mensagem de credibilidade que está relacionada com o autor e a fonte da mensagem, devendo ambos ser confiáveis e apropriados ao contexto socioeconômico e cultural. <p>2 - Apresentação da mensagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar 3 a 4 ideias principais por documento ou seção; • Desenvolver uma ideia por vez para evitar confundir o leitor; • Evitar listas longas; apresentar conceitos e ações em ordem lógica; • Incluir apenas informações necessárias. <p>3 - Estrutura da frase e seleção das palavras:</p>
------------------	---

Quadro 6 – Aspectos da Linguagem, Ilustração e Layout que devem ser considerados na elaboração do material educativo em saúde, segundo Moreira *et al.* (2003). Recife, PE, Brasil, 2022. (Continuação)

LINGUAGEM	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar palavras curtas; elaborar em linguagem conversacional pela facilidade de compreensão; • Usar a voz ativa; evitar termos técnicos e científicos, se forem indispensáveis explicar em linguagem de fácil compreensão; • Usar analogias familiar ao público-alvo; • Evitar siglas. <p>4 - Não discriminação das diferenças culturais e raciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar um grupo de pessoas pela raça ou etnia, através do termo adotado por ele; • Elaborar mensagens adequadas a cada grupo ou subgrupo cultural ou étnico.
ILUSTRAÇÃO	<p>1 - Seleção da ilustração:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Limitar o número de ilustrações para não sobrecarregar o material; • Selecionar ilustrações que ajudem a explicar ou enfatizar pontos e ideias importantes do texto; • Evitar ilustrações abstratas e que tenham apenas função decorativa no texto; • Usar ilustrações apropriadas ao leitor, evitando ilustrar material dirigido ao público adulto/idoso com motivos infanto-juvenis e vice-versa; • Usar ilustrações de órgãos internos do corpo ou de pequenos objetos, utilizar imagens realistas e colocá-las no contexto real; • Usar fotos e ilustrações de boa qualidade e alta definição. <p>2 - Ilustrações sensíveis e relevantes culturalmente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Usar imagens e símbolos familiares ao público-alvo, que permitam as pessoas se identificar com a mensagem; • Considerar, nas ilustrações apresentadas, as características raciais e étnicas do público-alvo; • Mostrar pessoas dos mais variados grupos, idades e etnias, se o material for para um público diverso. <p>Disposição das ilustrações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dispor as ilustrações de modo fácil, para o leitor segui-las e entendê-las;

Quadro 6 – Aspectos da Linguagem, Ilustração e Layout que devem ser considerados na elaboração do material educativo em saúde, segundo Moreira *et al.* (2003). Recife, PE, Brasil, 2022. (Continuação)

	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar uma mensagem por ilustração; • Ilustrar apenas os pontos mais importantes a fim de evitar material muito denso.
LAYOUT	<p>1 - Fontes, cores e sombreamentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Usar fonte 12, no mínimo. Se o material se destina ao público adulto, usar, no mínimo, 14; • Usar fontes para os títulos, dois pontos maiores que as do texto; • Evitar textos apenas com fontes estilizadas e maiúsculas, pois dificultam a leitura; • Usar itálico, negrito e sublinhado apenas para os títulos ou para destaques; • Usar as cores com sensibilidade e cautela, para não super colorir, deixando o material visualmente poluído; • Impressão preta sobre fundo claro é mais fácil de se ler. <p>2 - Capa de efeito atrativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazer uma capa com imagens, cores e texto atrativos; • Mostrar a mensagem principal e o público-alvo, na capa permitindo que o leitor capte a mensagem principal apenas por sua visualização. <p>3 - Organização da mensagem para facilitar a ação desejada e a lembrança:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sinalizar adequadamente os tópicos e subtópicos, usando recursos, como títulos, subtítulos, negritos e marcadores; • Colocar a informação mais importante no início e no fim do documento; • Organizar as ideias no texto, na mesma sequência em que o público-alvo irá usá-las.

Fonte: Adaptado Moreira *et al.* (2003).

4.5.5 Etapa 5: Avaliação de conteúdo e aparência com expertises

A cartilha foi submetida ao processo de avaliação de conteúdo por juízes especialistas. A avaliação de conteúdo é a forma mais direta e indicada para medir o que uma tecnologia se

propõe a fazer, buscando identificar a relevância e aprimorar o conteúdo do material para o estudo (Pasquali; 2009).

A avaliação de conteúdo do instrumento foi realizada por juízes, seguindo os critérios adaptados de Jasper (1994). A seleção dos juízes foi realizada por meio de amostragem de rede ou bola de neve. Estratégia utilizada para localizar amostras difíceis de serem encontradas (Polit; Beck, 2011).

Para a verificação dos critérios de elegibilidade foi realizada a consulta dos currículos na plataforma Lattes disponibilizado no portal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Após a identificação dos juízes que atenderem aos critérios citados, foi enviada uma carta convite (APÊNDICE F) através de *e-mail* e *WhatsApp*, com uma breve apresentação da pesquisa e os convidando para participarem. Após o aceite, foi enviado o TCLE (APÊNDICE G) para a participação no estudo. O prazo para o preenchimento, análise e considerações foi de 15 dias. Para auxiliar o preenchimento adequado, os juízes receberam instruções quanto aos critérios analisados.

Junto ao instrumento de avaliação composto pela escala do tipo Likert (1932) que possui valoração em quatro níveis conforme ilustrado no Quadro 7, foi aplicado um questionário de caracterização dos avaliadores com o intuito de obter informações sobre a formação profissional, tempo de atuação, experiência com situações de violência e com a população de estudo, a fim de trazer mais informações sobre os avaliadores do estudo (APÊNDICE H).

Quadro 7 – Escala de valoração do tipo Likert (1932). Recife, PE, Brasil, 2022.

Pontos	Valoração
1	Irrelevante
2	Pouco relevante
3	Relevante
4	Extremamente relevante

Fonte: Adaptada Likert (1932).

4.5.6 Avaliação de aparência e semântica com a população-alvo do estudo

Na avaliação de conteúdo e semântica pelas participantes do estudo consistiu na apresentação do produto: a **Cartilha Educacional sobre Enfrentamento da Violência Sexual para Mulheres Trans** foi enviada via *e-mail* ou *WhatsApp*, após a avaliação e realizada as

alterações sugeridas pelos juízes, com objetivo de verificar se todos os itens são compreensíveis. Esta etapa foi importante, pois possibilitou verificar o que foi compreendido, e o que deveria ser acrescentado ou aperfeiçoado. Foi enviada a cartilha educacional e o instrumento de avaliação (APÊNDICE E) com prazo para o preenchimento, análise e considerações em 7 dias.

O instrumento de avaliação (APÊNDICE I) foi composto por dados sociodemográficos (escolaridade, renda, raça, estado civil entre outros) e por questões com escala do tipo Likert e um campo para sugestões para cada item analisado em relação a semântica da cartilha, com tempo de duração do preenchimento de 30 minutos. Foi considerada as dificuldades e observações feitas pelas participantes e as sugestões de mudanças foram integradas e compiladas ao produto.

4.6 Análise de dados

Para analisar as entrevistas, as informações produzidas foram submetidas a análise textual lexicográfica por meio do software gratuito *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ) versão 7.0. Foi utilizada a Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

Para a organização e processamento dos dados referente à avaliação de conteúdo e de aparência foi utilizado o software IBM® SPSS® *Statistics*. Para verificar a congruência entre os juízes, em relação ao grau de relevância dos itens, foi utilizado o Índice de Validade de Conteúdo (IVC). As sugestões dos juízes foram analisadas e os ajustes considerados pertinentes acatados.

Para a análise da avaliação da tecnologia, foi estabelecido um nível de concordância mínimo de 80% entre os avaliadores. Essa porcentagem de concordância entre os juízes, com relação aos aspectos da cartilha, foi medida usando o IVC. Com o IVC é possível analisar individualmente cada item e depois o instrumento como um todo, o método aplica uma escala com uma pontuação do tipo de um a quatro. O score é calculado através da soma dos itens que foram marcados com a pontuação “3” e “4” dividido pelo número total de respostas (PASQUALI, 2009).

Fórmula para o cálculo do IVC:

$$\frac{\text{Número de respostas 3 ou 4}}{\text{Número total de respostas}}$$

4.7 Aspectos Éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) (CAAE 57111622.8.0000.5208) (ANEXO A) em atendimento à Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que regula as diretrizes e normas que tratam de pesquisa com seres humanos, respeitando-se o sigilo e a privacidade das informações obtidas durante a pesquisa.

As participantes assinaram voluntariamente o TCLE (APÊNDICE F), assegurando-lhes o anonimato e o direito de se ausentarem da coleta de dados pela verbalização do desejo.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante a análise dos dados, foi descrito o perfil das participantes quanto a orientação sexual, estado civil, escolaridade, raça, renda e definir uma categoria temática com cinco subcategorias que emergiram do processo de construção interpretativa das falas, descritas e analisadas a seguir. Assim, foi construída e validada a Cartilha educacional sobre enfrentamento da violência sexual contra mulheres trans.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Para a etapa qualitativa desse estudo foram entrevistadas cinco participantes, usuárias e ex-usuárias de um Ambulatório de Cuidado e Acolhimento às pessoas Trans - as quais tiveram os recortes das falas identificados pela letra E seguida de um numeral ordinal até o 5 (E1, E2...).

Observou-se a participação de cinco mulheres trans com a faixa etária dos 24 aos 45 anos, quatro morando no Brasil e uma no Canadá no período da coleta de dados.

Todas as participantes autodeclararam mulheres trans, com relação à orientação sexual, três se autodeclararam heterossexual e duas pansexual. Quanto a raça/cor, duas se autodeclararam negras e três distribuídas entre branca, parda e mestiça.

Ainda sobre os dados socioeconômicos das participantes, duas têm curso superior completo (dentre os cursos, Enfermagem e Análise de Sistemas), uma tinha o ensino superior incompleto (em Psicologia), uma o ensino médio incompleto e uma o ensino fundamental completo.

Quando se trata de estado conjugal, quatro delas eram solteiras sem compromisso e uma noiva. Quando perguntado sobre a religião, duas se autodeclararam parte de uma religião, a de matrizes africanas e cristã.

As características socioeconômicas das participantes refletem as iniquidades vividas por elas caracterizada pela falta de oportunidade no contexto social. Um estudo, realizado na Mongólia no qual as mulheres trans que participaram do estudo relatam que não possuem suporte social de seus familiares, nem dos seus amigos. Relataram que costumam esconder todas as violências que passam, como também sua orientação sexual e identidade de gênero. O estigma social também influenciou o acesso à justiça para sobreviventes de violência sexual (Peitzmeier *et al.*, 2015; Silva *et al.*, 2022).

Ressalta-se que esses dados da pesquisa refletem a importância da inclusão social de mulheres trans e a garantia ao direito à cidadania, por meio de ações afirmativas, com a

participação e usufruto dos bens, riquezas e oportunidades, direito à cultura, educação, trabalho digno e participação efetiva nas políticas públicas de caráter social.

Assim, os programas de ações afirmativas são na verdade políticas de correção de desigualdades sociais e formas de efetivação de direitos, portanto, efetivar ações afirmativas é de fato se posicionar contra o mito da democracia da diversidade sexual e de gênero e a exclusão social existente no Brasil (Hyle *et al.*, 2021).

A média de idade das participantes foi de 34,4 anos, no entanto, em decorrência da transfobia em diversos aspectos da sociedade, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), divulgou em seu dossiê anualmente o elevado número de assassinatos de mulheres trans no Brasil, no qual possuem uma expectativa de vida de 35 anos em comparação com mulheres cisgêneros é de 75 anos (Maschião *et al.*, 2020; Benevides, 2022).

5.2 CLASSES TEMÁTICAS

A partir do corpus textual das cinco entrevistas, foram obtidas cinco classes, que estão descritas nas figuras 3 e 4:

Figura 3 – Dendrograma das classes obtidas a partir do corpus textual. Recife, PE, Brasil, 2022.

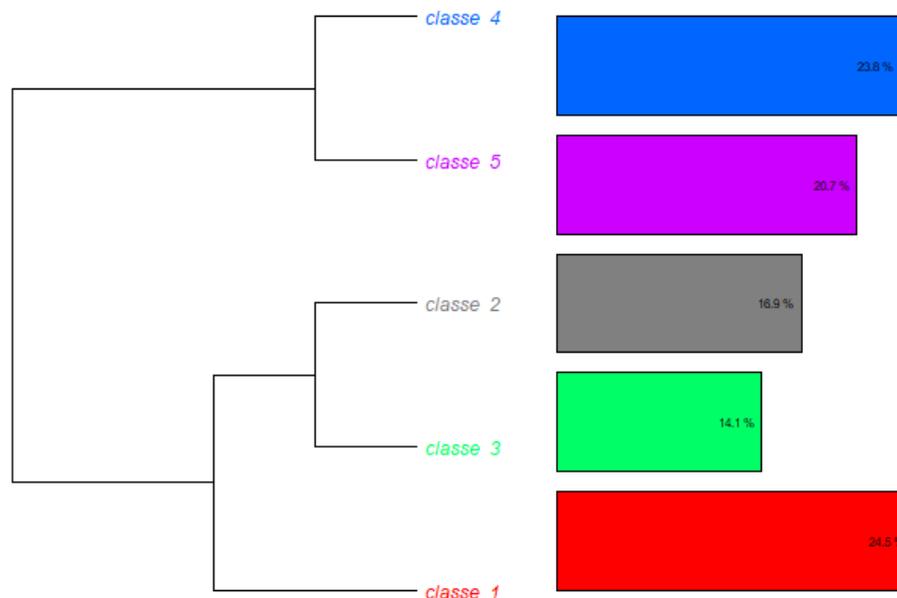
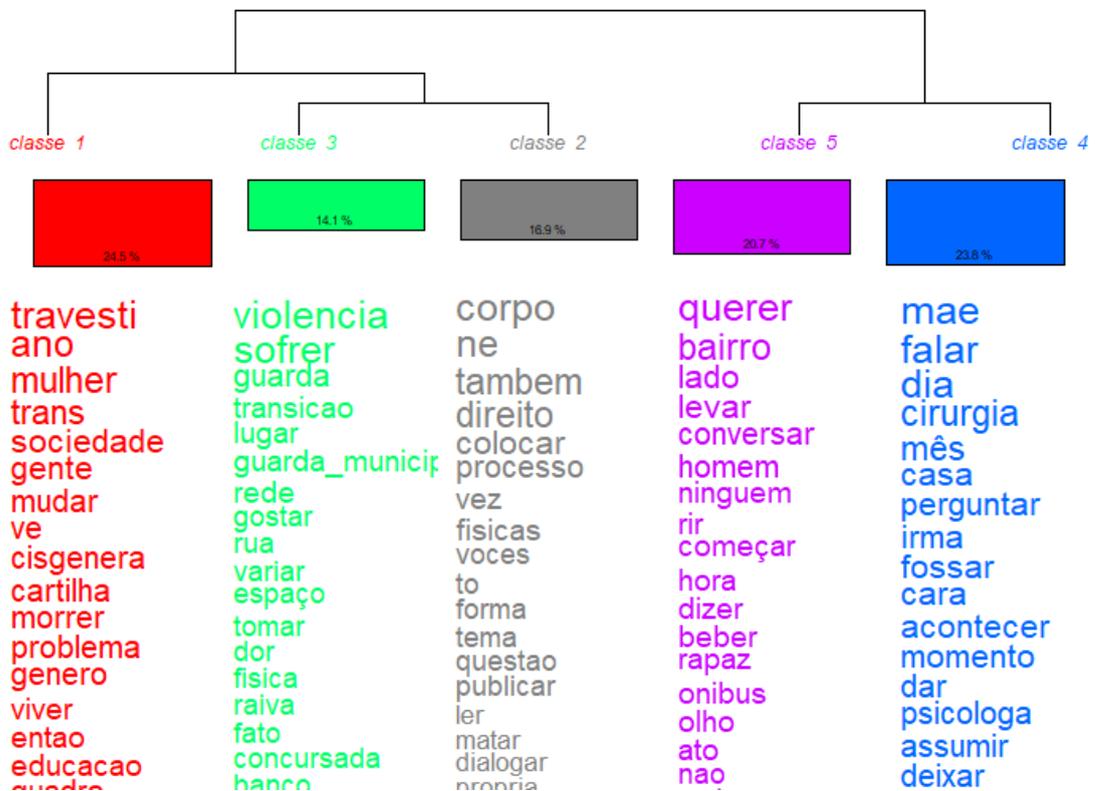


Figura 4 – Nomeação das classes e dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) do corpus sobre violência contra travestis e transexuais. Recife, PE, Brasil, 2022.



LEGENDA	
Classe 1	Realidade do cotidiano de mulheres transexuais e travestis
Classe 2	Autonomia das mulheres transexuais e travestis sobre seu corpo e liberdade de expressão
Classe 3	Dificuldade em ocupar cargos importantes e espaço na sociedade e consequências da marginalização
Classe 4	Processo de transição e questões envolvidas
Classe 5	Socialização no ambiente em que vive

A seguir, serão descritas as classes de acordo com a ordem de partição representadas pelo corpus total.

Iniciando pela classe 1, intitulada “Realidade do cotidiano de mulheres transexuais e travestis”, responsável por 24,5%, relacionada a identificação de si mesma e consequências dessa identificação dentro da sociedade, visto que faz parte de uma minoria social que sofre com o estigma ainda muito prevalente.

[...] Olha, é uma realidade triste. Tá que toda mulher trans/travesti, ela já passou por algum tipo de violência, porque a nossa sociedade, ela

não aceita o diferente, é uma sociedade muito machista [...] poucas empresas têm a política LGBT de inclusão, entendeu? Algumas empresas até têm, mas é muito raro, é muito raro. Então assim, eu sou uma pessoa que eu incomodo muito. Incomodo ao ponto de que, ano passado, eu tive um problema muito sério na Guarda Municipal [...] Se pudessem, me demitiriam, mas não podem, então assim é a realidade da violência sobre mulheres travestis e transexuais. [...] Eu fui presidente no Conselho Municipal por três anos, e assim, eu acompanhei muitos casos de homicídio. Inclusive, teve uma menina de 14 anos, travesti, que foi assassinada a paulada e a polícia sequer abriu uma investigação [...] A polícia encerrou o caso como um caso comum, sem solução, sem sequer abrir uma investigação. Então, assim, é outra coisa. Não respeitavam o gênero dela, botaram sexo masculino e pessoa não identificada, ou seja, [...] Então, os dados no Brasil são subnotificados, se a gente fala que tem trezentas travestis transexuais mortas do começo do ano pra cá, nós temos duas mil, porque trezentas é o que conseguiu notificar, porque ganhou mídia, ganhou repercussão. **(E1- Rosa)**

[...] Eu tenho um vizinho hoje, que infelizmente, devido as minhas condições financeiras, eu não mudei de casa. Então, eu tenho uma perseguição de frente de casa que eu ainda não fui pra delegacia por questão. **(E3- Girassol)**

[...] Mulher, a violência tá em todo local, todo lugar, a qualquer hora, só de saber que você é. No meu caso né? Que eu sou travesti ou transexual, minha filha, só o olhar muda, entendeu? [...] Parece que a gente também sofre por ser uma figura feminina, pra a gente pegar tudo que uma mulher sofre na sociedade. A gente sofre o que uma mulher sofre na sociedade e ainda sofre por ser trans. **(E4)**

[...] E depois de muitos problemas, eu simplesmente desisti de transicionar. Eu passei, acho que uns dez anos no limbo, me apresentando na sociedade como um menino gay [...] O CISTema, ele não aceita, o CISTema, ele faz com que a gente perceba que a gente é errado, que a gente é suja, que a gente é marginal [...] O que é uma violência de todo tipo, porque na verdade, a gente convive com essa violência não sexual, mas a violência no total diariamente, a gente vive daí, a gente consegue pegar vários artifícios pra conseguir nos proteger. **(E5)**

É imprescindível mencionar que nesse contexto as pessoas trans, muitas vezes, têm suas identidades de gênero negadas em espaços escolares, unidades de saúde, local de trabalho, dentre outros da esfera social, configurando-se no crime de violência institucional. Em decorrência desse ciclo de violações vivenciadas, muitas mulheres têm no trabalho sexual a única opção para garantir a sua sobrevivência (Guitele *et al.*, 2020).

Este é um dos reflexos da transfobia, que as impedem de serem inseridas em todos os espaços da sociedade. O preconceito, a rejeição, a hostilização e a discriminação expõem as mulheres trans diariamente pela reprodução de uma realidade binária e heteronormativa, imersa numa estrutura de opressão (Silva *et al.*, 2022)

A discriminação generalizada sofrida por essas pessoas atua impactando nas questões socioeconômicas, dificultando acesso ao mercado de trabalho, a moradia, e condições dignas de qualidade de vida e bem-estar. Por não possuírem uma rede de apoio, essas mulheres necessitam recorrer a formas informais de geração de renda, principalmente, trabalho sexual. No qual estão mais expostas a violência sexual, físicas e infecção por IST's, muitas vezes ainda na adolescência (Melo, 2020)

Na classe 2 “Autonomia das mulheres trans sobre seu corpo e liberdade de expressão” e correspondente a 16,9%, relaciona-se ao controle que essas mulheres têm sobre si, falando fisicamente e tendo os termos “corpo” e como seu direito de se expressar pode gerar episódios de violência.

[...] Não aceitam nós, não somos aceitas, as pessoas nos olham com raiva, as pessoas olham com desprezo, as pessoas fazem comentários.[...] Eu já sofri violência em supermercado, hoje sofri violência dentro do banco e já sofri por 5 anos violência de dentro da Guarda Municipal [...] Então assim, eu já sofri violência em todos os espaços que você puder imaginar, o fato de eu ser concursada em ser Guarda Municipal não me isentou de nada não, eu continuo sendo travesti [...] Então assim, não me isentou em nenhum momento de sofrer violência, de sofrer piadas, de ser motivo de piada, de ser apontada na rua. Então assim, essa é uma realidade triste, mas é uma realidade [...] Eu sofro e me trato com o psiquiatra, tomo medicação controlada. Assim, na Guarda Municipal, hoje ela foi o principal pivô de toda a violência dos últimos anos que eu sofri e assim me adoeceu. (E1)

[...] É um tema que acaba sendo um grande tabu, né? Que é algo que acontece desde sempre, mas que pouco é visibilizado. A violência que a gente sofre, a primeira é de não ter referências familiares [...] Ela é muito transversal, né? Sofro constantemente violência de gênero, violência [...] O espaço da academia, que pra mim, não há outro espaço mais violento que esse, porque todo outro espaço eu tava preparada pra qualquer tipo de violência estava preparada pra que me retirassem os dentes e fiz bravamente. (E2)

[...] “O que você tá fazendo é crime”, porque ele já tava nas minhas redes sociais, ele fazia fake, isso tudo eu tenho arquivado, ele fazia fake e por que que eu tinha raiva dele? [...] Enquanto tava em redes sociais ou indiretas e, muitas vezes, ele querendo ou não foi um estupro, porque

ele mostrava o pênis, várias vezes pra mim no ato onde eu não queria ele, não quero. (E3)

[...] Ah, já sofri várias física, Já sofri mais verbal, nem tanto física. Física, eu já sofri. Violência sexual, né? Agora, assédio. agora verbal várias [...] Eu namorava, eu sofri várias violências psicológicas e eu não percebia, porque eu gostava do meu ex. Uma das violências que eu sofri dele, né? Porque eu tava bem no início mesmo, de começar a fazer minhas cirurgias, né?. (B4)

[...] E no caso do dia a dia, a gente sempre sofre aquelas violências gracinhas na rua e aí quando você vai tomar as dores, eles jogam como se a gente fosse louca, que aquilo ali não tava acontecendo. (E5)

A cultura heterocisnormativa ainda se encontra arraigada mundialmente, ocasionando influências na disseminação do preconceito e estigmas contra as pessoas trans. A propagação do ódio deixa-lhes mais vulneráveis a qualquer tipo de violência, inclusive a sexual. Assim, por não se adequarem ao que é dado como “normal”, o círculo social e de suporte a elas se encontra constantemente enfraquecido (Cardin *et al.*, 2019).

Quando verificamos a classe 3 “Dificuldade em ocupar cargos importantes e espaço na sociedade e consequências da marginalização”, responsável por 14,1%. Trata da dificuldade de mesmo a pessoa tendo passado por um processo seletivo, não consegue se permanecer no cargo desejado devido ao estigma ainda prevalente.

[...] Pra sociedade, pra maioria, eu digo a maioria, nós deveríamos estar isoladas em guetos, saindo somente à noite pra vender o corpo e, infelizmente, não compactuar com a sociedade durante o dia [...] E se eu não tivesse passado num concurso público, hoje eu não teria emprego, eu seria hoje ou uma cabeleireira ou estaria vendendo meu corpo, porque não existe uma outra opção pra a gente. (E1)

[...] Mas assim, eu intimamente teria muita vontade de ter uma criança, de construir de cidadão, mas eu penso que eu não posso fazer isso, que eu vou vulnerabilizar um ser que eu vou ter total cuidado, né? [...] E eu sei que enquanto, mãe transexual, eu vulnerabilizaria sim essa criança. Então, tem várias, né? A que mais marca é essa questão da retirada desse meu direito de afetividade da própria violência da retirada dos meus direitos civis também, né? (E2)

[...] Decidi, porque nossa, você ser vista como um pedaço de carne, um objeto algo pra você pra chegar e isso eu acho engraçado. Isso eu falo no sentido que eu ainda tive sorte que as violências que eu sofri e ainda tô aqui viva, né? [...] Que nem toda delegacia que respeita a gente, não né? Só delegacia feminina e nem todas também feminina. (E4)

[...] Que não é com a gente, é sempre assim, são pessoas muito covardes. O CISTema, o CISTema, quando eu digo eu sempre escrevo na minhas postagens o CISTema com “CIS”, “C-I-S” de cisgênero e o “tema” minúsculo. (E5)

Ao sofrer violência, a vítima inclina-se a procurar suas redes sociais para obter apoio, no entanto, o apoio social, muitas vezes é negado por seus familiares, amigos e principalmente pelos profissionais que são designados a cuidar, quando o apoio é recebido por mulheres trans, em alguns casos pode variar de acordo com os marcadores sociais como condição socioeconômica desfavorável da mulher, cor da pele (preta, parda) (Page *et al.*, 2019).

Na classe 4, a segunda de maior porcentagem com 23,8%, “Processo de transição e questões envoltas”, diz respeito ao processo, tem impacto na vida dessas mulheres e, por assumir serem quem se identificam, muitas vezes têm que lidar com situações que são consequência do ainda prevalente patriarcado.

[...] Simplesmente, me expulsaram da guarda, aproveitaram e me expulsaram da guarda. Eu passei por momentos terríveis, chegou um ponto que o superintendente me mandou pra casa e falou “olha fica em casa” [...] “Se alguém perguntar por que você tá em casa, diga que você está a disposição pra a secretaria e quando a gente achar um local pra você, a gente te liga. (E1)

[...] O jeito de falar, o jeito de tratar o povo fala, não, mas o mundo hoje em dia, está tão diferente, tá aceitando essas coisas, eles falam desse jeito, né ?. (E4)

[...] Eu praticamente vivia realmente no limbo, foi bem complicado por conta de uma perda do meu primeiro namorado, ele foi assassinado, isso em 2000. Desse momento pra cá, eu passei muito tempo, eu me entreguei [...] E amanhã vai ter outra reunião pra falar sobre esse acontecido e tirar dúvida das meninas que tão pra se operar, porque elas acham que a cirurgia a gente opera e não acontece nada e é mentira isso. (E5)

Em um estudo realizado na Mongólia, observou-se a fragilidade dos laços entre amigos, em um trecho de uma das entrevistadas: “(...) se eu contar isso para meus amigos gays, eles não vão acreditar que eu não queria (...) eu nunca contei a ninguém sobre isso (...)”. A escassez na rede de apoio, principalmente quando elas sofrem violências, faz emergir o sentimento de desamparo. Tal sentimento pode ser capaz de influenciar a sua percepção sobre si, seus direitos e o seu papel social (Galvan *et al.*, 2021).

A última classe, a 5, “Socialização no ambiente em que vive”, trata de questões que ocorreram em situações sociais e como marcou a vida dessas mulheres de tal forma a provocar medo e repulsa.

[...]fui estuprada por cem homens, mas o que é mais complicado, é que a gente hoje dá nome a pessoa, mas sempre foi assim. (E2)

[...] Todo homem que chegava perto de mim, eu já tava assustada, eu tava tão assustada que até ônibus, o homem sentou do meu lado, eu levantava, ficava em pé e me afastava [...] Ou ia pra frente do ônibus ou ia pra trás, mas eu não queria ninguém perto de mim. Olhou duas vezes, às vezes, era só uma paquera, mas já tava levando um fora. Eu já tava fechando a cara. (E3)

[...] Quando eu converso com minhas amigas, né? Elas falam que eu sou passável, que ninguém percebe essas coisas assim, mas só que é só eu falar, o olhar muda, o jeito muda. (E4)

[...] Até que eu comecei a me acordar, eu acordei novamente e disse “Não, eu não posso viver a minha vida no limbo, né? Sem viver nenhum, sem nenhum tipo de relação sexual com ninguém. (E3)

As instituições representantes do Estado que têm como objetivo proteger as vidas das mulheres trans de toda a população, apresentam e mantêm suas condutas muitas vezes focadas no contexto heterocisnormativo. O Estado e seus representantes realizam ações insuficientes e algumas vezes equivocadas para atender às urgências das pessoas que não se enquadram nesse contexto (Shpherd *et al.*, 2019).

5.3 CONSTRUÇÃO DA CARTILHA EDUCACIONAL

No processo de construção da cartilha foi realizada primeiramente, a elaboração textual, seguido da associação com as imagens e finalização com a diagramação. A partir da seleção do conteúdo científico que, sabendo-se a sequência dos itens da cartilha, iniciou-se a elaboração textual.

Buscou-se conciliar um conteúdo rico em informações, porém objetivo, uma vez que materiais extensos se tornam cansativos e foi importante transformar a linguagem das informações localizadas na literatura científica em uma linguagem acessível ao público-alvo. Sendo os materiais educativos uma comunicação escrita, a informação a ser passada deve ser clara e de fácil entendimento (Moreira *et al.*, 2003).

Respalhada nas recomendações de Moreira *et al.* (2003) quanto aos aspectos da linguagem para elaboração de materiais educativos impressos, a Cartilha educacional sobre enfrentamento da violência sexual, em estudo, foram evitados termos técnicos e científicos, abreviaturas e siglas, porém, quando foi necessário, foram devidamente explicadas suas definições. Além disso, foram utilizadas palavras curtas e sentenças curtas, apresentadas poucas orientações por domínio, evitando-se listas longas, de modo a torná-las compreensíveis e eficazes.

5.3.1 Sessões da cartilha

O conteúdo da cartilha educacional foi definido, pela pesquisadora principal desse estudo em concordância com o orientador, a partir das informações fornecidas pelas primeira e segunda etapas da pesquisa (levantamento bibliográfico e entrevistas com as mulheres trans), sendo ele estruturado em 16 sessões, visando a atender as demandas do público-alvo.

O texto inicial foi escrito pela pesquisadora principal deste estudo, com base em literatura e de acordo com as recomendações do Ministério da Saúde do Brasil, no tocante à violência sexual.

Foi utilizado o estilo de letras simples e de fácil leitura, fonte Times New Roman, tamanho 35 a 70 para o título na capa, para sumário no tamanho 28, e para subtítulos e texto no tamanho 20 e 18 respectivamente. As partes informativas que se buscava alertar para algum ponto específico foram ressaltadas em negrito ou em caixas de destaque. As informações foram organizadas sobre os tipos de violência e formas de enfrentamento.

Na figura 5, observa-se a evolução da capa da cartilha. No lado esquerdo, encontra-se a primeira versão da capa, porém, como o desenho não contemplara a violência sexual com o público adulto foi substituída pela versão do lado direito.

Figura 5 – Evolução da capa da cartilha educacional. Recife, PE, Brasil, 2023.



Própria autora (2023).

No Quadro 8, encontra-se as sessões que compuseram a cartilha.

Quadro 1 – Sessões da cartilha educacional sobre o enfrentamento de violência sexual contra mulheres trans. Recife, PE, Brasil, 2022.

Conteúdo abordado na cartilha
O que é violência?
O que é violência contra as mulheres trans
O que é violência contra a mulher?
Identidade de gênero x orientação sexual
Quais as consequências da violência contra as mulheres trans?
Quais os tipos de violência contra as mulheres Trans?
Os tipos de violência...
Quais são os tipos de violência?
Infecções Sexualmente Transmissíveis
Orientações em caso de violência sexual
Onde devo buscar ajuda
Como proceder em caso de violência sexual?
Escala de violência
Serviços de apoio

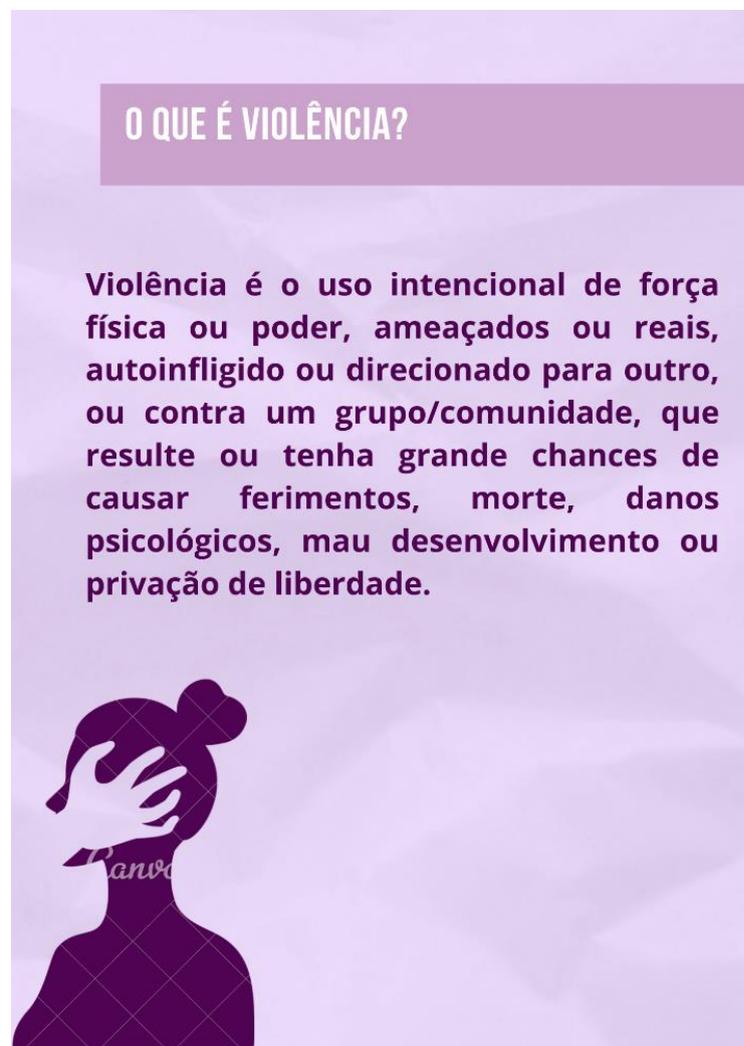
Quadro 8 – Sessões da cartilha educacional sobre o enfrentamento de violência sexual contra mulheres trans. Recife, PE, Brasil, 2022. (Continuação)

Conteúdo abordado na cartilha
Locais de denúncia
Referências

Fonte: Própria autora (2023).

Nas figuras 6 a 20 apresenta-se a versão final da cartilha.

Figura 6 – “O que é violência?”. Recife, PE, Brasil, 2023.



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 7 – “O que é violência contra a mulher trans?”. Recife, PE, Brasil, 2023.



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 8 – Identidade de gênero x orientação sexual. Recife, PE, Brasil, 2023.

The infographic is divided into two vertical panels with a purple background. The top of each panel has a dark purple header with the text 'IDENTIDADE DE GÊNERO X ORIENTAÇÃO SEXUAL' in white. The left panel features a woman thinking, a lightbulb icon, and a question mark. Below her is a woman looking confused with question marks around her head. The right panel features a woman thinking, a lightbulb icon, and a question mark. The text in the left panel asks 'Você sabe o que é identidade de gênero e orientação sexual?' and promises 'A seguir, eu te explico!'. The text in the right panel defines gender identity as how one identifies and presents themselves socially, and sexual orientation as how one relates to others.

IDENTIDADE DE GÊNERO X ORIENTAÇÃO SEXUAL

Você sabe o que é identidade de gênero e orientação sexual?

A seguir, eu te explico!

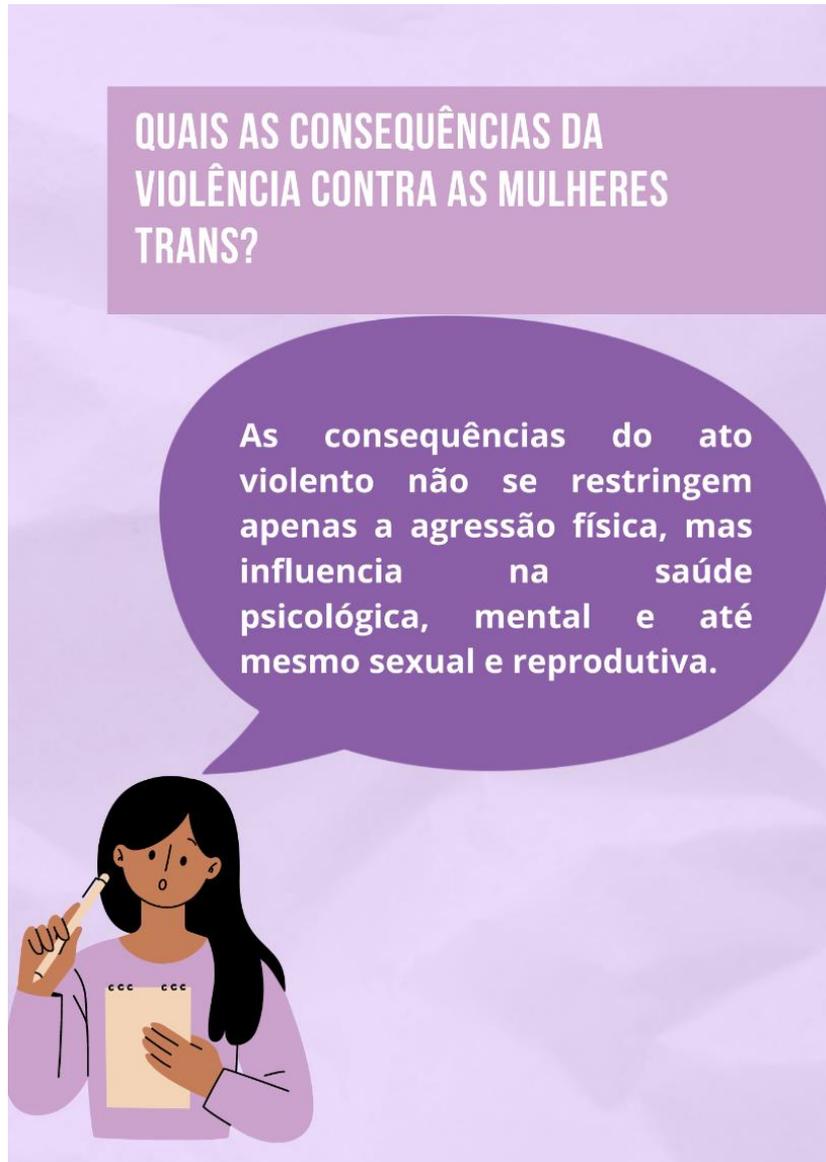
IDENTIDADE DE GÊNERO X ORIENTAÇÃO SEXUAL

Identidade de gênero é a forma como uma pessoa identifica seu próprio gênero e como ela se apresenta socialmente.

Orientação sexual é a maneira como uma pessoa se relaciona afetiva e sexualmente com outras pessoas.

Fonte: Própria autora (2023).

Figura 9 – Quais as consequências da violência contra as mulheres trans? Recife, PE, Brasil, 2023.



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 10 – “Quais os tipos de violência contra as mulheres Trans?”. Recife, PE, Brasil, 2023.



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 11 – “Os tipos de violência são...”. Recife, PE, Brasil, 2023.



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 12 – “Quais são os tipos de violência?”. Recife, PE, Brasil, 2023.



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 13 – Continuação do tópico “Quais são os tipos de violência?”. Recife, PE, Brasil, 2023.

Assédio sexual:

São os comentários com abordagem sexual indesejadas, cantadas ofensivas, abordagem sexual agressiva.



Você acha que acabou os tipos de violência sexual?



Então, veremos...

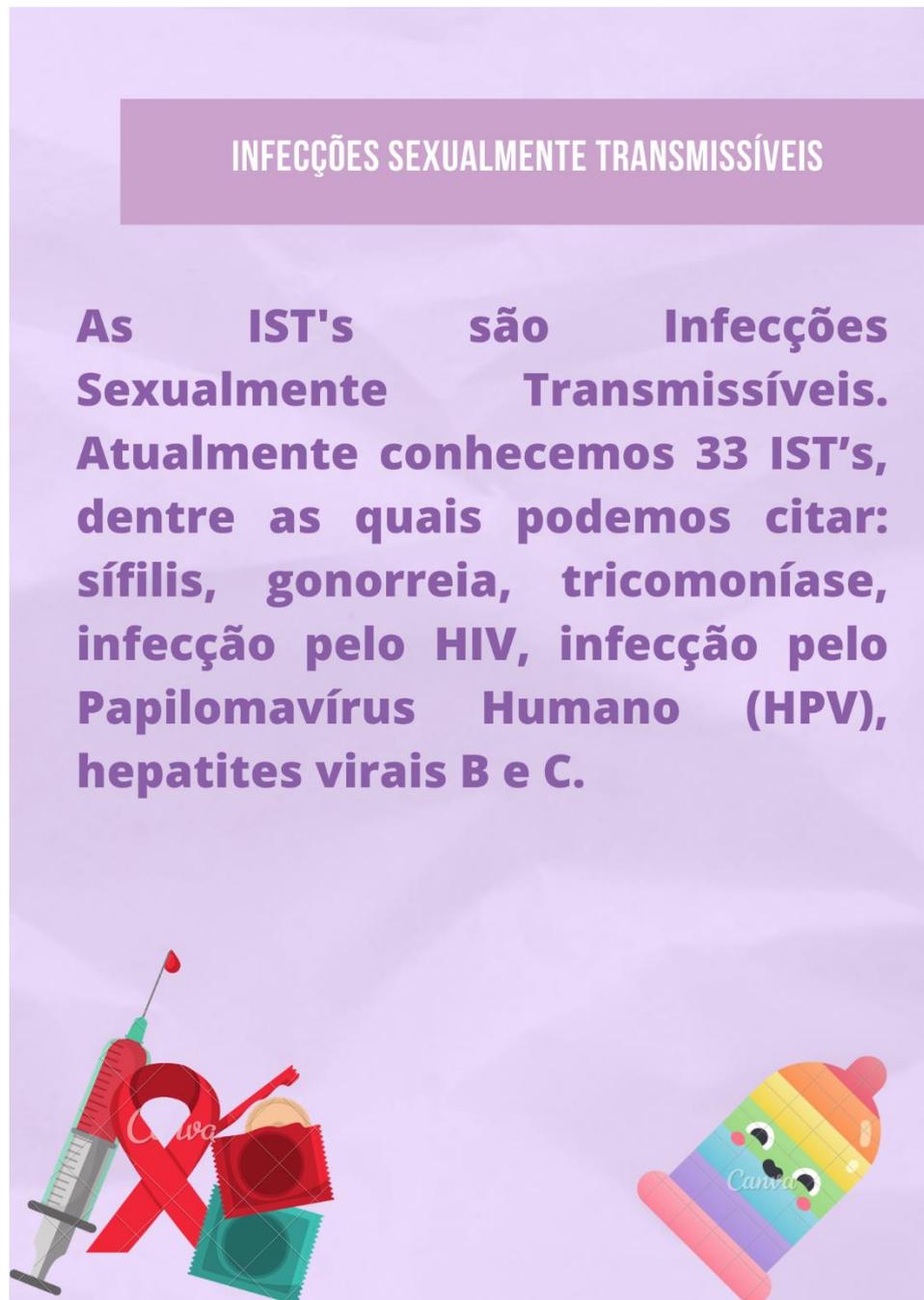
Outros tipos de violência sexual que podem ser listados são:

- Sexo forçado;
- Toques e carícias não desejados;
- Impedir o uso de métodos de proteção contra as IST's;
- Retirar o preservativo durante o ato sexual;



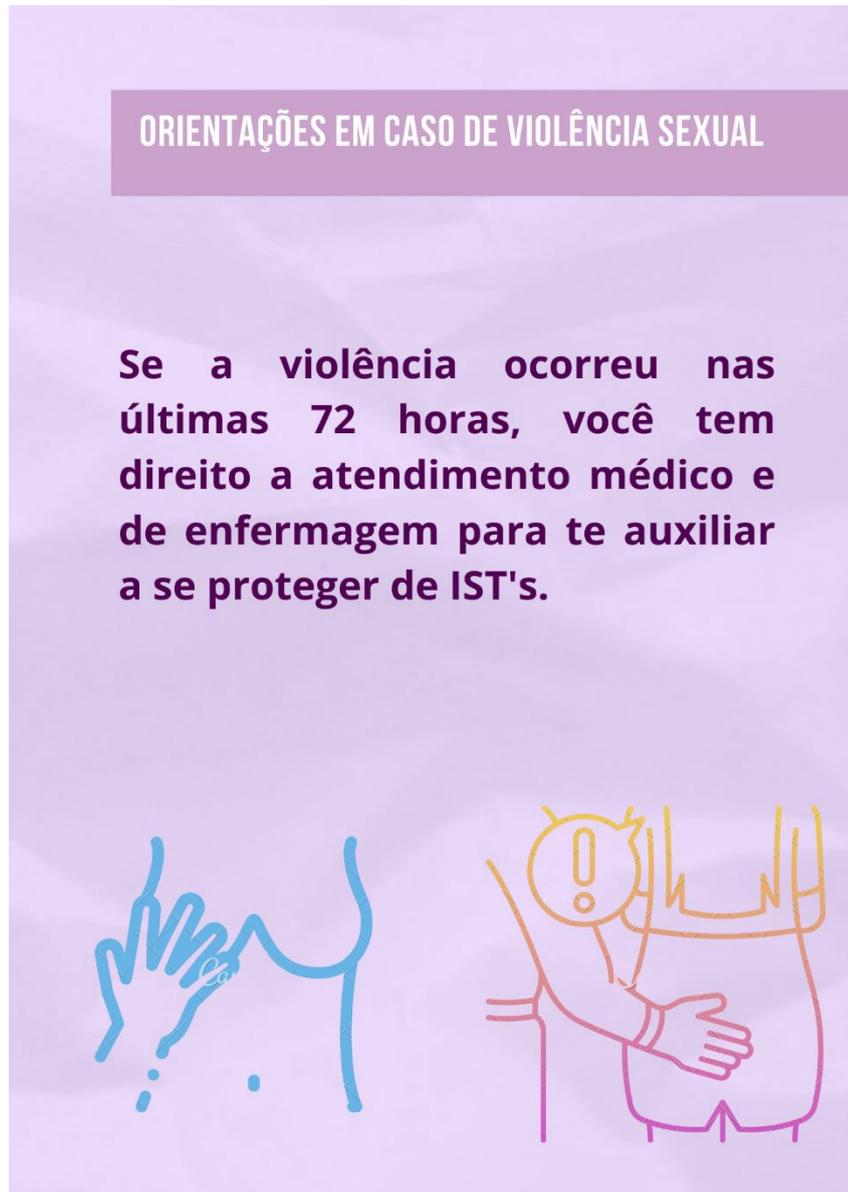
Fonte: Própria autora (2023).

Figura 24 – Infecções Sexualmente Transmissíveis. Recife, PE, Brasil, 2023.



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 15 – Orientações em caso de violência sexual. Recife, PE, Brasil, 2023.



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 16 – “Onde devo buscar ajuda?”. Recife, PE, Brasil, 2023.

ONDE DEVO BUSCAR AJUDA?

Como proceder em caso de violência sexual?

Em caso de emergência, em situação grave, procure uma UPA ou unidade de emergência (Pronto Socorro).

Se não for emergente, você pode buscar ajuda em um posto de saúde ou unidade de referência para atendimento à mulheres vítimas de violência sexual.

ONDE DEVO BUSCAR AJUDA?

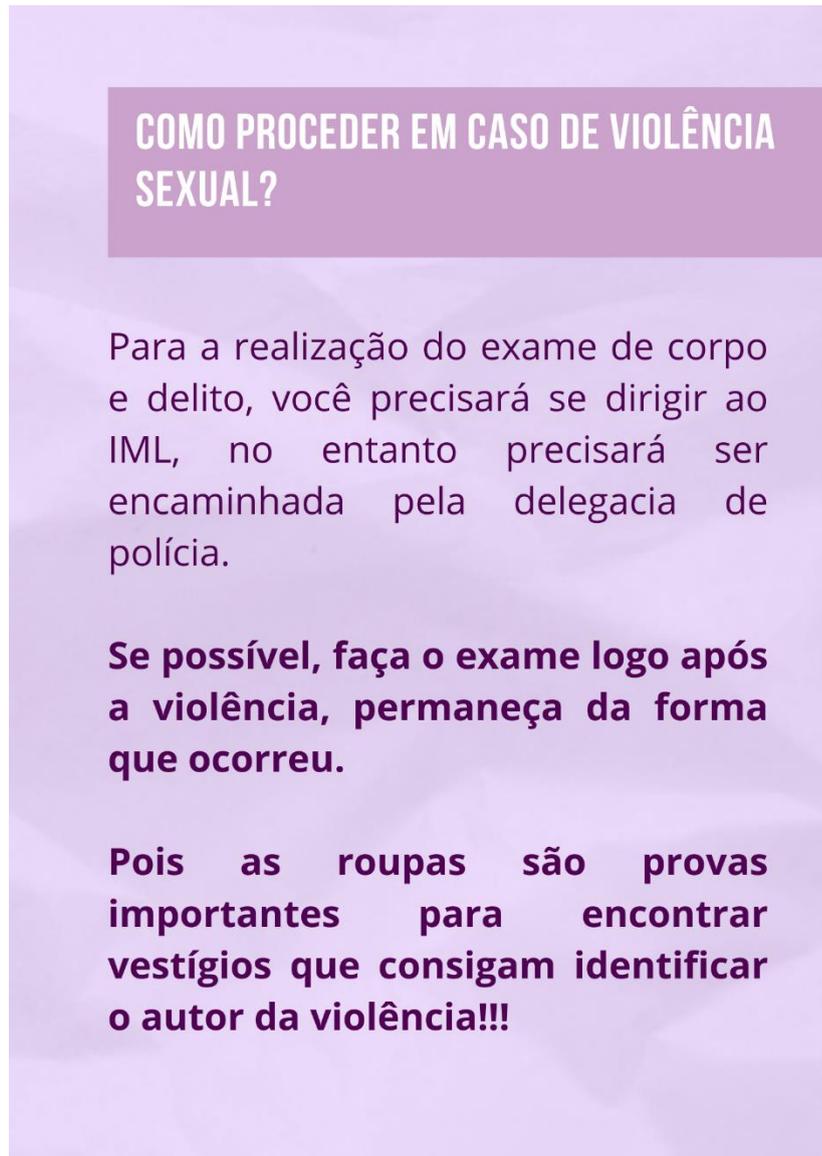
Como proceder em caso de violência sexual?

Se estiver em situação de perigo, não tenha dúvida, ligue para a **polícia militar**, o número é o **190!**

Você pode ligar para o **180, central de atendimento à mulher.**

Fonte: Própria autora (2023).

Figura 17 – “Como proceder em caso de violência sexual?”. Recife, PE, Brasil, 2023.



COMO PROCEDER EM CASO DE VIOLÊNCIA SEXUAL?

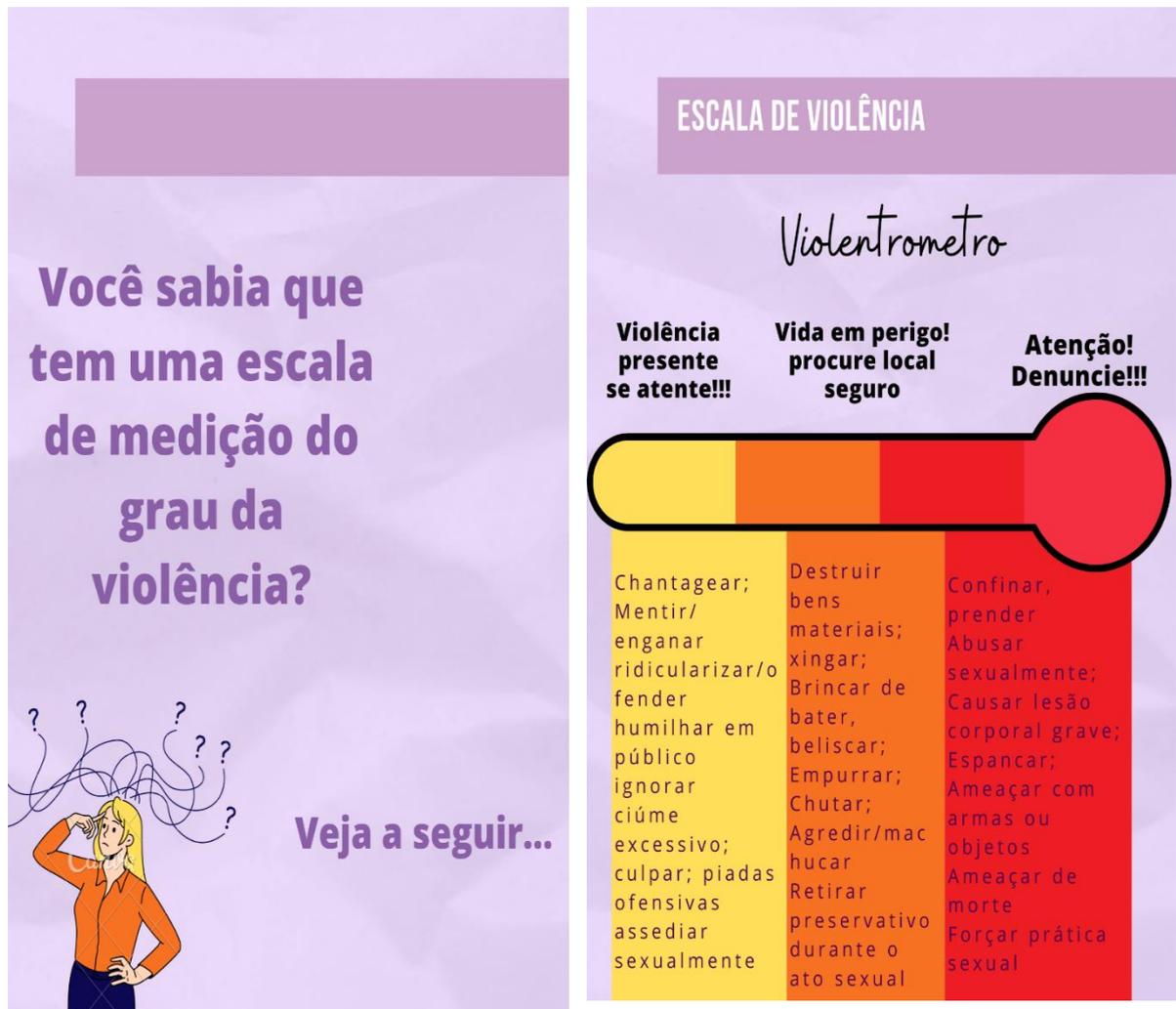
Para a realização do exame de corpo e delito, você precisará se dirigir ao IML, no entanto precisará ser encaminhada pela delegacia de polícia.

Se possível, faça o exame logo após a violência, permaneça da forma que ocorreu.

Pois as roupas são provas importantes para encontrar vestígios que consigam identificar o autor da violência!!!

Fonte: Própria autora (2023).

Figura 18 – Escala de violência. Recife, PE, Brasil, 2023.



Fonte: Própria autora (2023).

Figura 19 – Serviços de apoio. Recife, PE, Brasil, 2023.

Você sabe onde encontrar serviços de apoio e denúncia?

Te mostro a seguir...

SERVIÇOS DE APOIO

Centros de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência Doméstica e Sexista:

Centro de Referência Clarice Lispector: Rua Bernardo Guimarães, nº 470. Boa Vista - Recife. Telefone: (81) 3232.5370 ou 0800.2810107 ou (81) 99488.6138.

Centro de Referência Maristela Justus: Rua Travessa São João, nº 64. Massaranduba - Jaboatão dos Guararapes. Telefone: (81) 3468.2485

Centro de Referência Márcia Dangremon: Rua Maria Ramos, nº 131. Bairro Novo - Olinda. Telefone: (81) 3429.2707 ou 0800.2812008

Fonte: Própria autora (2023).

Figura 20 – Locais de denúncia. Recife, PE, Brasil, 2023.

LOCAIS DE DENÚNCIA

Disque 180 - Central de Atendimento à Mulher

A Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 é um serviço de atendimento telefônico que funciona 24 horas por dia, 7 dias por semana, inclusive durante os finais de semana e feriados. Toda ligação feita à Central é GRATUITA e o objetivo é disponibilizar um espaço para que as mulheres possam denunciar violência de gênero em suas diversas formas.

As ligações podem ser feitas de qualquer telefone - seja ele móvel ou fixo, particular ou público (orelhão, telefone de casa, telefone do trabalho, celular).

- **Plataforma online de denúncias contra LGBTfobia**
<http://bit.ly/DenunciaLGBTRecife>

Delegacias Especializadas Da Mulher

Recife
1ª Delegacia de Polícia Especializada da Mulher
Rua do Pombal, Praça do Campo. Santo Amaro. Recife. Fone: (81) 3184.3352

Jaboatão Dos Guararapes
2ª Delegacia de Polícia Especializada da Mulher
Estrada da Batalha, s/n°. Prazeres. Jaboatão dos Guararapes.
Fone: (81) 3184.3444/3445

Petrolina
3ª Delegacia de Polícia Especializada da Mulher
Rua Castro Alves, nº 57. Centro. Petrolina. Fone: (87) 3866.6625

Caruaru
4ª Delegacia de Polícia Especializada da Mulher
Rua Dalton Santos, nº 115. São Francisco. Caruaru. Fone: (81) 3719.9106

Paulista
5ª Delegacia de Polícia Especializada da Mulher
Praça Frederico Ludgren, s/n°. Paulista. Fone: (81) 3184.7072

Garanhuns
9ª Delegacia de Polícia Especializada da Mulher
Rua Frei Caneca, nº 460. Heliópolis. Garanhuns. Fone: (81) 3761.8507

Instituto Médico Legal
Rua do Pombal, nº 455. Santo Amaro. Recife. Fone: (81) 3222.5814

Fonte: Própria autora (2023).

Sobre as ilustrações buscou-se montar um material rico em imagens com o objetivo de facilitar a compreensão e visualização das informações. Conforme preconizado por Moreira *et al.* (2003) foram selecionadas ilustrações que ajudassem a explicar ou enfatizar pontos e ideias importantes do texto.

Evitou-se utilizar ilustrações abstratas e que tivessem apenas função decorativa. Ademais, foram empregadas quadrados ou círculos para destacar informações-chave na ilustração (Moreira *et al.*, 2003).

A etapa final da elaboração da cartilha educacional foi à diagramação, a qual corresponde à organização e formatação do material, sendo utilizado o programa *Canva* para essa fase final.

Seguindo as recomendações de Moreira *et al.* (2003), buscou-se sinalizar adequadamente os domínios da cartilha, usando recursos como negritos e marcadores para

facilitar a ação desejada e a lembrança. Teve-se o cuidado de usar as cores com sensibilidade e cautela para que a visão não ficasse poluída. O uso de negrito foi empregado apenas para os títulos ou destaques.

A cartilha educacional sobre enfrentamento de violência sexual contra mulheres trans foi composta em sua versão final por 39 páginas contadas sequencialmente, com numeração em algarismos arábicos somente que passou a ser registrada a partir do sumário. A cartilha ficou com tamanho de papel 21 x 29,7 cm. A capa foi intitulada “Cartilha educacional sobre enfrentamento da violência sexual contra mulheres trans”, a instituição vinculada ao desenvolvimento do material foi o Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco PPG Enfermagem/UFPE, nome da autora, orientador (APÊNDICE H).

Em conclusão, ao finalizar a diagramação da cartilha, o material foi enviado aos juízes especialistas para a validação do conteúdo e, posteriormente, para a validação de aparência e semântica pelo público-alvo.

5.4 VALIDAÇÃO DA CARTILHA EDUCACIONAL

5.4.1 Validação da Cartilha educacional pelos juízes especialistas e público-alvo

Participaram do estudo sete juízes especialistas na temática violência sexual e mulheres trans. A Tabela 1 condensa o perfil dos juízes em relação ao gênero, ocupação atual, função/cargo, titulação e publicação de pesquisa envolvendo a temática.

Verificou-se o predomínio do gênero feminino (66,6%), com a ocupação assistencial (85,7%), com função/cargo de enfermeiro (71,4%), com titulação predominante o nível mestrado (42,9%) e (57,1%) publicaram trabalhos relacionado à temática.

A Tabela 2 mostra o cálculo das pontuações dos IVC de cada juiz, na validação quanto aos objetivos, observou-se uma variação entre 0,86 e 1,00 de concordância. Ao avaliar as variáveis relacionadas aos objetivos como todo observou-se um IVC de 0,97. Assim, obteve-se um nível de concordância alto (maior que 0,78). Com relação a estrutura e apresentação, observou-se uma variação entre 0,57 e 1,00 de concordância. Os itens 3, 4, 6 e 9 não atingiram IVC mínimo recomendado (0,78), onde o item 4 apresentou menor IVC (0,57), e os itens 3, 6 e 9 apresentaram um IVC de 0,71.

Ao avaliar as variáveis relacionadas à estrutura e apresentação como todo observou-se um IVC de 0,79. Desse modo, obteve-se o nível de concordância bem próximo ao mínimo

aceito (maior que 0,78). Em relação a relevância, observou-se uma variação entre 0,86 e 1,00 de concordância. Ao avaliar as variáveis acerca da relevância como todo observou-se um IVC de 0,96. Assim, obteve-se o nível de concordância alto (maior que 0,78).

Em relação ao IVC, de maneira geral, após o cálculo das pontuações totais dos IVC de cada juiz, observou-se uma variação entre 0,57 e 1,00 de concordância. Ao avaliar os objetivos, estrutura e apresentação, e relevância como todo observou-se um IVC de 0,85. Assim, obteve-se o nível de concordância alto (maior que 0,78), considerada válida.

Tabela 1 – Índice de Validade de Conteúdo (IVC), por item, por dimensão e por questionário (geral), dos juízes especialistas em violência sexual. Recife, PE, Brasil, 2022.

Questionário	
OBJETIVOS	IVC
1 - É adequado para as necessidades da mulher trans	0,83
2 - É adequado do ponto de vista educativo para mulher trans	0,83
3 - Contribui como ferramenta de prestação de cuidado em saúde	1,00
4 – É adequado para o suporte na consulta de enfermagem	1,00
5 – É adequado para prevenção e promoção da saúde	1,00
Geral	0,93
ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO	IVC
1 - Os itens estão apresentados de maneira clara e objetiva	0,66
2 - Os itens apresentados estão cientificamente corretos	0,83
3 - O material está adequado ao nível sociocultural das participantes do estudo proposto	0,83
4 – Os itens estão bem estruturados em concordância e ortografia	1,00
5 - O tamanho do título e dos tópicos estão adequados	0,83
6 - As ilustrações estão expressivas e suficientes	0,66
7 - A estrutura está adequada e capaz de chamar a atenção de quem irá utilizar	0,66
8 - O tamanho do conteúdo em cada tópico está adequado	0,83
Geral	0,79
RELEVÂNCIA	IVC
1 - Os itens retratam aspectos chave que devem ser observados	0,83
2 - A tecnologia está adequada para possibilitar as mulheres trans adquirirem informações relevantes quanto ao enfrentamento de violência sexual	0,83

Tabela 1 – Índice de Validade de Conteúdo (IVC), por item, por dimensão e por questionário (geral), dos juízes especialistas em violência sexual. Recife, PE, Brasil, 2022. (Continuação)

Questionário	IVC
3 - A cartilha promove e encoraja o autocuidado das mulheres trans	0,83
Geral	0,83
IVC GERAL	0,85

Fonte: Própria autora (2023).

Alguns juízes realizaram sugestões e elogios na dimensão objetivo, estrutura e apresentação para a tecnologia educacional, conforme figura 22, e as contribuições foram analisadas e incorporadas ao produto final.

Quadro 9 – Observações realizadas pelos juízes quanto a dimensão objetivo, estrutura e apresentação para a cartilha educacional sobre o enfrentamento da violência sexual para mulheres trans. Recife, PE, Brasil, 2023.

Observações realizadas pelos juízes especialistas
<i>“A ilustração da capa não está voltada para o público-alvo, sugiro suprimir a figura ou incluir uma figura que represente o enfrentamento e público-alvo.”</i>
<i>“Acredito que você pode inserir os ambulatórios do Estado de PE como um serviço de apoio, também.”</i>
<i>“Manter um padrão. A formalidade deve existir. O material é educativo.”</i>
<i>“Manter a formalidade já que tem a finalidade de promoção em saúde.”</i>
<i>“Acho que ficaria mais interessante se colocasse alguma imagem ilustrando o não compartilhamento de seringas e materiais cortantes.”</i>
<i>“Parabéns pela construção, material extremamente relevante e necessário.”</i>
<i>“Gostei das cores utilizadas na cartilha.”</i>
<i>“Muito bom. Acredito quanto a necessidade de recursos como estes para o público disseminará informações ricas na área da saúde.”</i>

Fonte: Própria autora (2023).

A tabela 2 mostra o cálculo das pontuações do IVC de cada participante, na validação quanto a aparência e semântica observou-se 100% de concordância nos itens de 1 a 4 e no item 5 observou-se 75% de concordância. Ao avaliar as questões como um todo (geral) observou-se

um IVC de 0,95. Assim, obteve-se o nível de concordância alto (maior que 0,80), sendo considerada válida pelo público-alvo.

Tabela 2 – Índice de Validade de Conteúdo do público-alvo, por item e geral. Recife, PE, Brasil, 2023.

Questionário	
PERGUNTAS	IVC
1 - O texto é fácil de entender	1,00
2 – O design e a formatação facilitam o entendimento e compreensão da cartilha	1,00
3 - Teve dificuldade durante o uso da cartilha	1,00
4 – A cartilha tem tamanho adequado	1,00
5 – A cartilha fornece informações suficientes para o enfrentamento da violência sexual para mulheres trans	0,75
GERAL	0,95

Fonte: Própria autora (2023).

Os resultados indicam que a tecnologia educacional “Cartilha educacional para a” foi validada com índice geral de concordância 0,88, IVC superior a 0,78 pelos juízes especialistas, nas dimensões objetivos, estrutura e apresentação e relevância. No processo de validação pelo público-alvo o índice geral de concordância na dimensão semântica foi elevado, obtendo-se o IVC de 0,95. Este resultado mostra que o conteúdo da cartilha foi compreendido pelas participantes.

As tecnologias educacionais têm o objetivo de tornar acessível o processo de ensino e aprendizagem seja formal ou informal, associando a teoria com a prática, conhecimentos e saberes. Essas tecnologias podem ser ferramentas, artefatos, processos, entre outros que são utilizados nas ações educacionais e que passam por procedimentos fundamentados e sistematizados de construção e validação (Wild *et al.*, 2019; Nóbrega *et al.*, 2021).

O desenvolvimento do processo de validação, avalia se o produto é eficaz, se atingiu os objetivos e metas e se apresentam acessibilidade e aceitabilidade pelo público-alvo, se possuem significância e aplicabilidade para a área de intervenção (Nóbrega *et al.*, 2021). A diversidade de olhares por expertises é relevante para a construção do material educativo com maior robustez e neste sentido a versão apresentada aos juízes considerada válida, estes realizaram críticas construtivas para a formulação da versão final.

Os itens foram revisados e incorporados ao produto as sugestões com objetivo de tornar o material educativo mais próximo culturalmente das participantes do estudo e engajar no processo de enfrentamento da violência.

Ressalta-se que poucos estudos foram desenvolvidos com o objetivo de construir tecnologias educacionais para mulheres trans (Nemoto *et al.*, 2005; Garcia *et al.*, 2018; Wilson *et al.*, 2018; Holloway *et al.*, 2020; Phillips *et al.*, 2020; Sun *et al.*, 2020), considerando a classificação de tecnologias: tecnologia dura, com foco nos equipamentos; leve-dura, com foco nos conhecimentos; e leve, com foco nos relacionamentos (Silva *et al.*, 2022), tornando relevante a construção para o cuidar em saúde desta população.

Entre essas tecnologias, destacam-se os materiais educativos impressos (cartilhas, álbuns seriados, folhetos, panfletos, folders e livretos), os recursos audiovisuais (como vídeos, uso de rádio e telefone), ou ainda, os que se utilizam das relações pessoais, por meio do aconselhamento, acolhimento e diálogo (Lima *et al.*, 2019; Mota *et al.*, 2023).

As tecnologias educacionais são recursos eficazes no suporte à prevenção e promoção da saúde, pois possibilita a troca de conhecimentos em que resulta em hábitos de vida saudável pela população a que se destina (Teixeira *et al.*, 2019; Melo *et al.*, 2022).

As tecnologias educacionais impressas são mais adequadas para o processo de aprendizagem, por dinamizar as ações e orientações de educação em saúde com ilustrações, linguagem clara e compreensível para todas as camadas sociais (Benevides *et al.*, 2016; Teles *et al.*, 2014).

As observações feitas pelos juízes acerca das ilustrações foram ajustas e incorporadas ao produto com o objetivo de adequar ao nível educacional e cultural das participantes e assim promover o combate à violência sexual.

O profissional da saúde, sobretudo o enfermeiro, é um agente ativo na promoção de ações de educação em saúde nos diversos níveis de atenção à saúde, principalmente grupos de minorias sociais que inclui mulheres trans (Santos *et al.*, 2018; Guimarães *et al.*, 2022). Assim, no processo de educação em saúde, faz-se necessário a utilização de tecnologias para tornar o ensino compreensível e que possa favorecer melhorias da assistência prestada e promover mudanças de comportamento em saúde das mulheres trans.

A educação em saúde é um campo teórico-prático e multidisciplinar, que propicia um processo educativo, fomenta a construção de conhecimentos e estimula a autonomia frente às questões que envolvem o contexto de saúde (Seabra *et al.*, 2019; Melo *et al.*, 2022).

Episódios de violência têm sido frequentes na sociedade, advindo de várias fontes, seja ela trabalho, das parcerias, do núcleo familiar ou de desconhecidos... As mulheres trans sempre

foram alvo da sociedade, a qual perpetua ainda muitas críticas negativas e as marginalizam diminuindo suas oportunidades de se engajarem no meio.

Infelizmente, a solução ou ao menos melhoria desse quadro, fundamenta-se em mais que apenas ações e intervenções, deve-se investir nessa mudança desde os primeiros anos escolares, onde as crianças estão começando a ter sua visão de mundo e diminuindo a possibilidade de continuar sendo transmitida de geração em geração, a educação é a resposta para quase tudo.

Outro ponto que deve ser mencionado, é a insegurança quanto ao mercado de trabalho. O desemprego é real e atinge as mulheres trans devido aos preconceitos e estigmas nos meios sociais. Com isso, o risco de se dedicarem a outros meios de subsistência, como a prostituição, e, ainda sim quando se ocupa cargos desejados, tem toda uma logística de realocação neles.

Com isso, percebe-se o quão é cruel a realidade dessas pessoas que por si só, já estão vulnerabilizadas. As violências sofridas por elas variam de tipos, intensidades, locais e fontes e elas nem sempre contam com uma rede de apoio para auxiliar no enfrentamento de tais situações pelas quais são submetidas. Assim, são pessoas que necessitam de atenção integral, pois, assim como quaisquer minorias sociais, são fragilizadas pelas condições que as cercam.

6 CONCLUSÃO

Quanto ao conteúdo, a cartilha foi avaliada pelos juízes especialistas com o IVC global 85%, e, quanto à aparência e semântica pelo público-alvo com o IVC global de 95%. Por sua vez, na avaliação por item constatou-se que alguns não atingiram o índice de concordância esperado, sendo necessário realizar modificações na estrutura e apresentação.

As sugestões recaíram sobre as ilustrações e acréscimo de informações e revisão de vernáculo, fatores considerados imprescindíveis na construção do material educativo, tornando-o um recurso que poderá mediar práticas educacionais no enfrentamento da violência sexual, direcionadas as mulheres trans.

Após finalizado o processo legal de submissão desta dissertação na UFPE e na FACEPE, a cartilha será disponibilizada pela *web* para uso nos serviços de assistência especializada, na Atenção Básica de Saúde, nos ambulatórios de atenção integral às pessoas trans, propiciando-lhes um recurso que possa promover aquisição de conhecimentos, e para os enfermeiros, possa ser um recurso facilitador no processo de educação em saúde no processo de trabalho.

A limitação do estudo está relacionada a sua realização com uma população que pelo fato de sofrer violência de outras formas, muitas vezes não querem participar de pesquisas, de forma que outros resultados podem ser obtidos na replicação metodológica em outras regiões.

Diante do estudo, emergem questionamentos acerca do processo formativo do enfermeiro e da necessidade da temática violência sexual e a população Trans serem incluídas em disciplinas como saúde da mulher, do homem, do adulto e do idoso. Em sua maioria, a visão heterocisnormativa predomina, dificultando que os profissionais que saem das universidades, possuam um cuidado limitado.

A aplicação desse material educacional poderá ocorrer em pesquisas experimentais que comprovem sua eficácia, a exemplo de ensaios clínicos randomizados, como também nas atividades educativas realizadas por profissionais da saúde, em especial o enfermeiro, que está diretamente ligado à assistência à violência sexual, nas esferas de atendimento. Ademais, o estudo contribuirá com a literatura científica na temática de tecnologias educacionais sobre a população trans e violência sexual.

REFERÊNCIAS

- ÁFIO, A. *et al.* Analysis of the concept of nursing educational technology applied to the patient. **Revista Rene**, n. 15, n. 1, p. 158-165, 2014.
- ANTRA. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANS E TRAVESTIS. **Boletim nº 02 2020: Assassinato contra trans e travestis em 2020**. Rio de Janeiro: ANTRA; 2020.
- ARAÚJO, B. B. M. *et al.* Paulo Freire's theoretical and methodological framework: contributions in the field of nursing. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 26, p. 27310, 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 2006.
- BENEVIDES, B. G. **Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasileira 20210**. Brasília: ANTRA; 2022.
- BENEVIDES, J. L. *et al.* Development and validation of educational technology for venous ulcer care. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, n. 2. p. 309-16, 2016.
- BÍBLIA SAGRADA, N. T. Romanos. Português. *In: Bíblia Sagrada*. 214^a ed. São Paulo: Editora Ave Maria, Cap. 11, vers. 36, 2022.
- BRASIL. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Agenda 2030: ODS - Metas Nacionais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Brasília: Ipea, 2018.
- BURIGO, A. C.; PORTO, M. F. 2030 Agenda, health and food systems in times of syndemics: from vulnerabilities to necessary changes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 10, p. 4411-4424, 2021.
- CARDIN, V. S. G.; MARTINS, I. G.; RISSATO, G. M. Do discurso do ódio contra a liberdade sexual de pessoas LGBT. **Revista Pensamento Jurídico**, v. 13, n. 1, 2019.
- CARVALHO, A. T. de; OLIVEIRA, M. G. de. Nietzsche EA, Teixeira E, Medeiros HP, organizadores. Tecnologias cuidativo-educacionais: Uma possibilidade para o empoderamento do (a) enfermeiro (a)? Porto Alegre (RS): Moriá; 2014. **Revista Rene**, v. 15, n. 1, p. 185-186, 2014.
- CHAHAL, A. Entrevistas em pesquisa qualitativa em cuidados de saúde. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 11, n. 1, p. 218-221, 2021.
- COSTA, B. R. L. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 7, n. 1, p. 15-37, 2018.
- DELZIOVO, C. R. *et al.* Sexual violence against women and care in the health sector in Santa Catarina – Brazil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 1687-1696, 2018.

DINIZ, J. S. P. *et al.* Nursing intervention based on Neuman's theory and mediated by an educational game. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 6, p. 600-607, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0194201900084>. Acesso em: 28 jan. 2022.

DUARTE, R. V. **Cartilhas educativas digitais para promoção da saúde da mulher e da criança**. 2018. 61 f. Monografia (Graduação em Farmácia) - Escola de Farmácia. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018.

FALKENBERG, M. B. *et al.* Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 847-852, 2014.

FONTANA, R. T. *et al.* Reflexões sobre a educação em saúde como um processo emancipatório. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 5196-5203, 2020.

FONSECA, R. M. G. S. *et al.* Gender, sexuality and violence: perception of mobilized adolescents in an online game. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, Suppl 1, p. 607-614, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 62^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2016.

GALVAN, F. H. *et al.* Violence inflicted on Latina transgender women living with HIV: rates and associated factors by perpetrator type. **AIDS and Behavior**, v. 25, n. 1, p. 116-126, 2021.

GARCIA, J. *et al.* And Then Break the Cliché": Understanding and Addressing HIV Vulnerability Through Development of an HIV Prevention Telenovela with Men Who Have Sex with Men and Trans women in Lima, Peru. **Archives of Sexual Behavior**, v. 47, p. 1995–2005, 2018.

GUIMARÃES, J. J.; *et al.* O protagonismo do enfermeiro no ambiente escolar: a educação em saúde pode salvar vidas. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 1, e22711124739, 2022.

GUILTELE, J. R. *et al.* Experiences of sexual and gender minorities in an urban enclave of Haiti: despised, beaten, stoned, stabbed, shot and raped. **Culture, Health & Sexuality**, v. 22, n. 6, p. 690-704, 2020.

HOLLOWAY, I. W. *et al.* Leveraging social networks and technology for hiv prevention and treatment with transgender women. **AIDS Education and Prevention**, v. 32, n. 2, p. 83-101, 2020.

HYLE, E.P. *et al.* Diet, physical activity, and obesity among ART-experienced people with HIV in South Africa. **AIDS Care**, v. 16, p. 1-7, 2021.

JASPER, M. A. Expert: a discussion of the implications of the concept as used in nursing. **Journal of Advanced Nursing**, v. 20, n. 4, 769-776, 1995.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**. 2^a ed. Brasília (DF): Jaqueline Gomes de Jesus; 2012. 24 p.

- KRUG, *et al.* **The world report on violence and health.** The lancet, v. 360, n. 9339, p. 1083-1088, 2002.
- LIKERT, R. A technique for the measurement of attitudes. **Archives of Psychology**, v. 22, n. 140, 1932.
- LIMA, G. C. B. B. *et al.* Health education and methodological devices applied in the care of Diabetes Mellitus. **Saúde em Debate**, v. 43, n. 120, p.150-8, 2019.
- MASCHIÃO, L. F. *et al.* nonprescribed sex hormone use among trans women: the complex interplay of public policies, social context, and discrimination. **Transgender Health**, v. 5, n. 4, p. 205–215, 2020.
- MELO, L. S. F. **Transexuais no mercado de trabalho: Percurso histórico e as marcas do preconceito na violação ao direito fundamental ao trabalho.** Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Faculdade Damas, Recife, 2020.
- MELO, P. O. C. *et al.* Jogo de tabuleiro como dispositivo de informação sobre HIV/AIDS para idosos. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, e79013, 2022.
- MERHY, E. E. **Em busca de ferramentas analisadoras das Tecnologias em Saúde: a informação e o dia a dia de um serviço, interrogando e gerindo trabalho em saúde.** *In:* MERHY E. E.; ONOKO R., (Orgs.). *Agir em saúde: um desafio para o público.* 2ª ed. São Paulo: Hucitec; 2002. p. 113-150.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2015.
- MOREIRA, M. F.; NÓBREGA, M. M. L.; SILVA, M. I. T. Comunicação Escrita: contribuição para a elaboração de material educativo em saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 56, n. 2, p. 184-188. 2003.
- MOTA, N. P. *et al.* Educational technologies for HIV prevention in black people: scope review. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 44, e20220093, 2023.
- NEMOTO, T. *et al.* Promoting health for transgender women: Transgender Resources and Neighborhood Space (TRANS) program in San Francisco. **American Public Health Association**, v. 95, n. 3, p. 382-384, 2005.
- NIETSCHE, E. A. *et al.* Tecnologias educacionais, assistenciais e gerenciais: uma reflexão a partir da concepção dos docentes de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, n. 3, p. 344-353, 2005.
- NIETSCHE, E. A. *et al.* Tecnologias inovadoras do cuidado em enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 2, n. 1, p. 182-189, 2012.
- NÓBREGA, K. B. G. da, *et al.* Validation of the educational technology “abuse no more” for young people with intellectual disabilities. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 7, p. 2793–806, 2021.

PAGE, M. J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, v. 372, n. 71, 2021.

PASQUALI, L. Psicometria. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 43, spe, p. 992-999, 2009.

PEITZMEIER S. M. *et al.* Sexual violence against men who have sex with men and transgender women in Mongolia: a mixed-methods study of scope and consequences. **PLoS One**, v. 10, n. 10, e0139320, 2015.

PHILLIPS, G. 2nd, *et al.* PrEP4Love: the role of messaging and prevention advocacy in prep attitudes, perceptions, and uptake among YMSM and transgender women. **Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes: JAIDS**, v. 83, n. 5, p. 450-456, 2020.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed; 2011.

SALBEGO, C. *et al.* Care-educational technologies: an emerging concept of the praxis of nurses in a hospital context. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 2666-2674, 2018.

SABINO, L. M. M. **Cartilha educativa para promoção da autoeficácia materna na prevenção da diarreia infantil: elaboração e validação**. 2016. 171 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

SANTOS, V. F. *et al.* The effects of alcohol use on people living with HIV/Aids: an integrative review. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 20, p. 1-11, 2018.

SEABRA, C. A. M. *et al.* Health education as a strategy for the promotion of the health of the elderly: an integrative review. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 22, n. 4, e190022, 2019.

SHIPHERD, J. C.; BERKE, D.; LIVINGSTON, N. A. Trauma recovery in the transgender and gender diverse community: extensions of the minority stress model for treatment planning. **Cognitive and Behavioral Practice**, v. 26, n. 4, p. 629-646, 2019.

SILVA, I. O. A. M. *et al.* Booklet on premature infants as educational technology for the family: quasi-experimental study. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 31, n. 4, p. 334-341, 2018.

SILVA, I. C. B. D. *et al.* Gender violence perpetrated against trans women. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, Suppl 2, e20210173, 2022.

SUN, C. J. *et al.* A Sexual health promotion app for transgender women (trans women connected): development and usability study. **JMIR mHealth and uHealth**, v. 8, n. 5, p. e15888, 2020.

TEIXEIRA, E. *et al.* Desenvolvimento participativo de tecnologia educacional em contexto HIV/AIDS. **Revista Mineira de Enfermagem – REME**, v. 23, e-1236, 2019.

TELES, L. M. R. *et al.* Development and validating an educational booklet for childbirth companions. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 6, p. 977-84, 2014.

TGEU. Transgender Europe. **TMM Update Trans Day of Remembrance 2018**. Berlin, Germany: Transgender Europe; 2018.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Salvador: UFBA, 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

WHO. World Health Organization. **Violence**: a public health priority. Geneva: WHO Global Consultation on Violence and Health; 1996.

WHO. World Health Organization. **World health statistics 2018**: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals. Geneva: World Health Organization; 2018. 100 p.

WILD, C. F. *et al.* Validation of educational booklet: an educational technology in dengue prevention. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 5, p. 1318-1325, 2019.

WILSON, E. C. *et al.* Barriers and facilitators to PrEP for transwomen in Brazil. **Global Public Health**, v. 14, n. 2, p. 300-308, 2019.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO



PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

ROTEIRO DE PESQUISA: ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1“Fale-me sobre a violência contra pessoas travestis e transexuais ?”

2“Você já sofreu algum tipo de violência? Em qual contexto?”

Como questionamentos complementares:

1. “Qual a sua opinião sobre a violência sexual contra pessoas travestis e transexuais?”

2. “A violência sexual provocou sequelas na sua saúde?” Quais?

APÊNDICE B – CARTA CONVITE PARA AS INSTITUIÇÕES DE REFERÊNCIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**CARTA CONVITE AS INSTITUIÇÕES DE REFERÊNCIA PARA POPULAÇÃO
LGBT+**

Prezado(a),

Sou Adrian Thaís Cardoso Santos Gomes da Silva, estudante do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e sob orientação do Prof. Dr. Ednaldo Cavalcante de Araújo estou desenvolvendo a pesquisa intitulada: “**Cartilha educacional sobre enfrentamento de violência sexual para mulheres trans**” e tem como objetivo construir uma cartilha educacional sobre prevenção de violência sexual válida quanto ao conteúdo e a aparência para mulheres trans, o(a) convido a colaborar com esta pesquisa respondendo os seguintes questionamentos: 1. **Você conhece alguma mulher transexual?** e 2. **Qual o nome dela e onde poderei encontrá-la?** Solicitamos, também, a divulgação deste estudo entre seus integrantes e apoiadores para um maior alcance.

Esta pesquisa está sendo produzida com o intuito de contribuir com produção de novos conhecimentos e com a escuta qualificada desse público, possibilitando a compreensão de suas experiências enquanto pessoa, para subsidiar a construção de uma tecnologia que atue na prevenção da violência sexual contra a população “T”. Norteará futuras pesquisas, intervenções e ações para a prevenção e atenção às suas especificidades durante atendimento, idealizando estratégias humanizadas para a promoção da saúde destes usuários nos serviços de saúde.

Desde já apresentamos votos de elevada estima e agradecemos a sua disponibilidade e atenção. Para o atendimento aos prazos de execução da pesquisa, solicitamos que a indicação seja feita no prazo máximo de 15 dias. Estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

**Adrian Thaís Cardoso Santos Gomes da
Silva**
Enfermeira
Mestranda do PPGEnfermagem/UFPE
E-mail: adrian.thais@ufpe.br

Dr. Ednaldo Cavalcante de Araújo
Orientador
Docente da UFPE
E-mail: ednaldo.araujo@ufpe.br

APÊNDICE C – CARTA-CONVITE PARA OS JUÍZES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

CARTA CONVITE

Prezado Sr. (a) _____, considerando sua expertise acerca da temática lhe convidamos para participar como juiz da etapa de validação de conteúdo da pesquisa intitulada “**Cartilha educacional sobre enfrentamento de violência sexual para mulheres trans**”, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Adrian Thaís Cardoso Santos Gomes da Silva, com endereço Av. Professor Moraes Rego, 1235 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50670-901. Telefone para contato: (81) 9 9660-5496. E-mail: adrian.thais@ufpe.br/adrianthais@hotmail.com. A pesquisa está sob a orientação do Prof. Dr. Ednaldo Cavalcante de Araújo. Telefone para contato: (81) 2126-8566 (Mestrado Acadêmico). E-mail: ednenjp@gmail.com.

Após sua aceitação em participar desse estudo irei enviar-lhe via *e-mail*, *whatsapp* ou correio postal duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, juntamente com o produto da tecnologia e o instrumento de avaliação desse recurso que foi construído contemplando sua área de especificidade e apoia-se na literatura pertinente para avaliação dos aspectos envolvidos nesse instrumento.

Diante de seus conhecimentos e de sua experiência teórica e prática, enfatizo que é fundamental contar com a sua participação no engrandecimento desse trabalho, pois o instrumento será reformulado segundo suas sugestões, para posteriormente ser utilizado.

Agradeço desde já a sua colaboração e atenção.

Atenciosamente,

Adrian Thaís Cardoso Santos Gomes da Silva
Enfermeira
Mestranda do PPGEnfermagem/UFPE

APÊNDICE D – FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES - Nº _____
Pseudônimo: _____
<p>1. Idade: _____</p> <p>2. Escolaridade:</p> <p style="padding-left: 20px;"><input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto</p> <p style="padding-left: 20px;"><input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo <input type="checkbox"/> Ensino Superior completo</p> <p style="padding-left: 20px;"><input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto <input type="checkbox"/> Pós-graduação incompleta</p> <p style="padding-left: 20px;"><input type="checkbox"/> Ensino Médio completo <input type="checkbox"/> Pós-graduação completa</p> <p>2.1. Curso superior/pós-graduação, se for o caso:</p> <p>_____</p> <p>3. Estado conjugal: <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Viúvo <input type="checkbox"/> União estável <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____</p> <p>4. Orientação Sexual: <input type="checkbox"/> Heterossexual <input type="checkbox"/> Gay <input type="checkbox"/> Bissexual <input type="checkbox"/> Pansexual <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____</p> <p>5. Identidade de Gênero: <input type="checkbox"/> Mulher Transexual <input type="checkbox"/> Homem Transexual <input type="checkbox"/> Mulher Cis <input type="checkbox"/> Homem Cis <input type="checkbox"/> Travesti <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____</p> <p>6. Religião: <input type="checkbox"/> Afro-brasileira <input type="checkbox"/> Católica <input type="checkbox"/> Judaica <input type="checkbox"/> Espírita Kardecista <input type="checkbox"/> Protestante <input type="checkbox"/> Muçulmana <input type="checkbox"/> Budista <input type="checkbox"/> Agnóstico <input type="checkbox"/> Ateu <input type="checkbox"/> Outra. Qual? _____</p> <p>7. Raça/Cor: <input type="checkbox"/> Branca <input type="checkbox"/> Preta <input type="checkbox"/> Parda <input type="checkbox"/> Amarela <input type="checkbox"/> Indígena <input type="checkbox"/> Outro Qual? _____</p> <p>8. Cidade que reside: _____</p> <p>9. Tipo de moradia: <input type="checkbox"/> Casa <input type="checkbox"/> Quarto/cômodo/barraco <input type="checkbox"/> Outra:</p> <p>10. Regime da moradia: <input type="checkbox"/> Própria <input type="checkbox"/> Alugada <input type="checkbox"/> Cedida <input type="checkbox"/> Outra: _____</p> <p>11. Localização: <input type="checkbox"/> Zona urbana <input type="checkbox"/> Zona rural</p> <p>12. Renda Familiar em salários mínimos (considere SM: R\$ 1.100,00): _____</p>

**APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E
DEPOIMENTO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu, _____, inscrita sob o CPF: _____
e RG: _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, os pesquisadores: **Adrian Thaís Cardoso Santos Gomes da Silva** (mestranda) e o Prof. Dr. **Ednaldo Cavalcante de Araújo** (orientador), do projeto de pesquisa intitulado “**Cartilha educacional sobre enfrentamento de violência sexual para mulheres trans**”, a realizar as fotos/filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos/imagens (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei Nº 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei Nº 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

(Local) _____, em ____/____/_____.

Entrevistado

Pesquisador responsável pela entrevista

**APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
PÚBLICO-ALVO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você para participar como voluntário(a) da pesquisa “**Cartilha educacional sobre enfrentamento de violência sexual para mulheres trans**”, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Adrian Thaís Cardoso Santos Gomes da Silva, com endereço Av. Professor Moraes Rego, 1235 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50670-901. Telefone para contato: (81) 9 9660-5496 (inclusive ligações a cobrar). E-mail: adrian.thais@ufpe.br/adrianthais@hotmail.com A pesquisa está sob a orientação do Prof. Dr. Ednaldo Cavalcante de Araújo. Telefone para contato: (81) 2126-8566 (Mestrado Acadêmico). E-mail: ednenjp@gmail.com.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde em participar desse estudo, pedimos que assinale a opção de “**Aceito participar da pesquisa**” no final desse termo. A senhora estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação:

Trata-se de um estudo metodológico, composto por duas etapas a saber: a primeira etapa: a construção da cartilha com base nas Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade publicadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a segunda etapa será a validação de conteúdo com expertises e aparência com a população-alvo da cartilha educacional. Sua participação no estudo ocorrerá na etapa de validação da cartilha educativa.

A validação será por meio de entrevistas individuais online, conduzidas pela pesquisadora principal e contará também com a presença de um assistente de pesquisa nomeada Rebeka Ferreira Coelho, responsável por moderar a plataforma virtual Google Meet, conduzir a gravação e realizar a transcrição das entrevistas online. As entrevistas serão gravadas, após consentimento e autorizados previamente pelos participantes por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimento. Após o término da coleta de dados, as entrevistas serão transcritas e disponibilizadas para validação pelas participantes, que poderão realizar a leitura e fazer alterações, caso sejam necessárias. O tempo de duração da coleta de dados será de 2 horas para cada participante, determinado pela regra de conduta das entrevistas. Minutos antes da realização da entrevista, será, também, aplicado um formulário de caracterização para traçar um perfil dos participantes do estudo.

A participação das mulheres trans se dará mediante o preenchimento de formulário de caracterização da participante e contato verbal (arguições orais), portanto, havendo riscos, entre eles: cansaço físico ou mental, constrangimento e/ou incômodo decorrente do questionamento escrito, verbal ou estigmas relacionados a temática. Visando diminuir tais riscos, a pesquisadora irá contribuir com o acolhimento do participante, que será ouvido sem julgamentos de forma que se sinta confortável, valorizando e respeitando o conhecimento individual e se necessário, será realizado um novo agendamento da entrevista.

Este estudo trará benefícios indiretos com a tecnologia produto da pesquisa, atuando na prevenção da violência sexual poderá, também, estimular e nortear futuras pesquisas, intervenções e ações para o cuidado e prevenção da violência sexual contra mulheres trans profissionais do sexo.

Esclarecemos que as participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se **recusar** a participar do estudo e que esta decisão **não acarretará penalização** por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação das voluntárias, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa através de formulários e gravações de entrevistas, ficarão armazenados em pastas de arquivo e computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período mínimo de 5 anos após o término da pesquisa. Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver

necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife- PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br.**

Adrian Thaís Cardoso Santos Gomes da Silva

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, inscrita sob o CPF: _____ e RG: _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo “**Cartilha educacional sobre prevenção de violência sexual para jovens mulheres e travestis**”, como voluntário (a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para participar da pesquisa.

- Aceito Participar da pesquisa
- Não aceito participar da pesquisa

**APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -
JUÍZES ESPECIALISTAS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você para participar como juiz da pesquisa intitulada “**CARTILHA EDUCACIONAL SOBRE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL PARA MULHERES TRANS**”, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Adrian Thaís Cardoso Santos Gomes da Silva, com endereço Av. Professor Moraes Rego, 1235 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50670-901. Telefone para contato: (81) 9 9660-5496. E-mail: adrian.thais@ufpe.br/adrianthais@hotmail.com. A pesquisa está sob a orientação do Prof. Dr. Ednaldo Cavalcante de Araújo. Telefone para contato: (81) 2126-8566 (Mestrado Acadêmico). E-mail: ednenjp@gmail.com.

Após seu aceite em participar deste estudo, iremos enviar uma cópia da cartilha que pretendemos validar, juntamente com o instrumento avaliativo que deverá ser preenchido depois da sua leitura e avaliação. Cabe ressaltar que caso não haja concordância entre os juízes em alguma parte do instrumento, este será analisado, reelaborado a partir das suas sugestões, e reencaminhado para uma nova validação.

A sua colaboração é fundamental tendo em vista que seus conhecimentos científicos relacionados a temática são relevantes para avaliar a tecnologia desenvolvida. Informo, ainda, que lhe serão assegurados: o direito de não participar desta pesquisa, se assim o desejar, sem que isso acarrete qualquer prejuízo; o acesso a qualquer momento as informações de procedimentos e benefícios relacionados a pesquisa, inclusive para resolver dúvidas que possam ocorrer; será mantido sigilo em relação ao seu nome e/ou quaisquer outros aspectos que possam vir a identificá-lo (a). O senhor (a) poderá realizar a avaliação do instrumento no próprio domicílio ou em outro local que lhe for mais conveniente, sendo estabelecido um prazo de **SETE** dias para que se realize a análise, preencha o instrumento de avaliação e os devolva ao pesquisador via correio eletrônico.

Os possíveis riscos decorrentes da pesquisa são a violação de informações de confidencialidade, no entanto, a pesquisadora tentará reduzir esses riscos identificando os participantes por pseudônimos. Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são contribuir para a prevenção da violência sexual contra mulheres trans trabalhadoras do sexo.

Leia atentamente as informações acima e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

O Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no endereço: Av. das Engenharías, S/N, Prédio do Centro de Ciências da Saúde (CCS), 1º andar, sala 4, Cidade Universitária, Recife-PE, CEP 50740-600, nos seguintes horários de funcionamento de segunda a sexta-feira 08:00h às 12:00h; pelo telefone (81) 2126-8588; pelo e-mail cephumanos.ufpe@ufpe.br.

Certa da sua cooperação, agradeço.

Eu, _____, declaro que tomei conhecimento do estudo citado acima, compreendi seus objetivos e concordo em participar da pesquisa.

Data: ____/____/____

Assinatura do participante

**APÊNDICE H – INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO PELOS JUÍZES
ESPECIALISTAS DA CARTILHA EDUCACIONAL SOBRE ENFRENTAMENTO
DA VIOLÊNCIA SEXUAL PARA MULHERES TRANS**

IDENTIFICAÇÃO
Nome do avaliador: _____
Idade: _____ Gênero: _____
Profissão: _____ Tempo de Formação: _____
Ocupação Atual: 1- Assistência () 2- Ensino () 3- Pesquisa () 4-Consultoria ()
Função/Cargo na Instituição: _____
Tempo de Trabalho na Área: _____
Titulação: 1- Especialização/Residência () 2- Mestrado () 3- Doutorado ()
Tema do Trabalho de Conclusão: _____
Participação de Grupos/Projetos de Pesquisa com temática saúde da mulher, saúde pública e /ou coletiva, saúde sexual e cuidados de enfermagem ao público LGBTQIAP+: 1- Sim () 2- Não () Se sim, especificar tempo de participação: _____
Publicação de Pesquisa envolvendo a Temática: 1- () tecnologia educacional 2- () saúde pública e /ou coletiva 3- () saúde sexual 4- () cuidados de enfermagem ao público LGBTQIAP+ 5- () Outra. Qual? _____

INSTRUÇÕES

Avalie minuciosamente a tecnologia de acordo com os critérios pré-estabelecidos. Em seguida, analise o instrumento educativo, classifique-o em consonância com o valor que mais se adapta à sua opinião, de acordo com a valoração abaixo:

1 = Irrelevante	2 = Pouco relevante	3 = Relevante	4=Extremamente relevante
-----------------	---------------------	---------------	--------------------------

Observação: sempre que classificar como 1 ou 2, por favor, descreva a razão pela qual considerou essa opção.

AVALIAÇÃO

1 – OBJETIVOS: Refere-se aos propósitos, metas ou fins que se deseja atingir com a utilização da cartilha.

Crítérios	Valoração				Observação
1 - É adequado para as necessidades das mulheres trans	1	2	3	4	
2 - É adequado do ponto de vista educativo para mulheres trans	1	2	3	4	
3 - Contribui como ferramenta de prestação de cuidados em saúde.	1	2	3	4	
4 - É adequado para o suporte na consulta de enfermagem.	1	2	3	4	
5 - É adequado para prevenção e promoção da saúde.	1	2	3	4	

2 – ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO: Refere-se à forma de apresentar os itens. Isto inclui sua organização geral, estrutura, estratégia de apresentação, coerência e formatação.

Crítérios	Valoração				Observação
1 - Os itens estão apresentados de maneira clara e objetiva.	1	2	3	4	
2 - Os itens apresentados estão cientificamente corretos.	1	2	3	4	
3 - O material está adequado ao nível sociocultural do público-alvo proposto.	1	2	3	4	
4 - Os itens estão bem estruturados em concordância e ortografia.	1	2	3	4	
5 - O tamanho do título e dos tópicos estão adequados.	1	2	3	4	
6 - As ilustrações estão expressivas e suficientes.	1	2	3	4	
8 - A estrutura está adequada e capaz de chamar a atenção de quem irá utilizar.	1	2	3	4	
9 - O tamanho do conteúdo em cada tópico está adequado.	1	2	3	4	

3 – RELEVÂNCIA: Refere-se à característica que avalia o grau de significação da tecnologia apresentada.

Crítérios	Valoração				Observação
1 - Os itens retratam aspectos-chave que devem ser observados.	1	2	3	4	

2 – A tecnologia está adequada para possibilitar as mulheres trans adquirirem informações relevantes quanto ao enfrentamento de violência sexual.	1	2	3	4	
3 – A tecnologia promove e encoraja mulheres trans a buscar ajuda para o enfrentamento da violência sexual.	1	2	3	4	

**APÊNDICE I – INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO PELO PÚBLICO-ALVO DA
CARTILHA EDUCACIONAL SOBRE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA
SEXUAL PARA MULHERES TRANS**

Dados Sociodemográficos	
Pseudônimo:	Data do Nascimento:
1 – Escolaridade: 1- nenhum () 2- 1º grau completo () 3- 1º grau incompleto () 4- 2º grau completo () 5- 2º grau incompleto () 6- superior completo () 7- superior incompleto ()	
2 - Estado Civil: 1- Solteira () 2- Casada ou mora com o companheiro () 3- Viúva () 4- Separada ou Divorciada ()	
3 - Renda: 1- Até um salário-mínimo () 2- Mais de 1 a 2 salários-mínimos () 3- Mais de 2 a 3 salários-mínimos () 4- Mais de 3 a 4 salários-mínimos () 5- Mais de 4 salários-mínimos ()	
4 - Raça: 1- Amarela () 2- Branca () 3- Indígena () 4- Parda () 5- Negra ()	

INSTRUÇÕES

Avalie minuciosamente a tecnologia educativa de acordo com os critérios pré-estabelecidos. Em seguida, analise o instrumento educativo, classifique-o em consonância com o valor que mais se adapta à sua opinião, de acordo com a valoração abaixo:

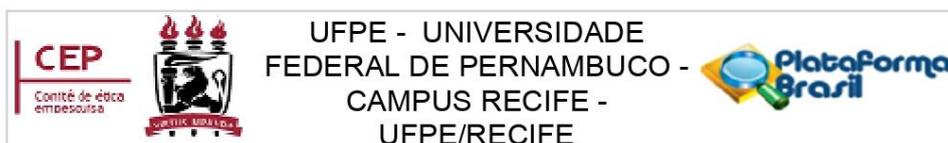
1 = Irrelevante	2 = Pouco relevante	3 = Relevante	4=Extremamente relevante
-----------------	---------------------	---------------	--------------------------

Observação: sempre que classificar como 1 ou 2, por favor, descreva a razão pela qual considerou essa opção.

AVALIAÇÃO

Critérios	Valoração				Observação
1 - O texto é fácil de entender.	1	2	3	4	
2 – O design e formatação facilitam o entendimento e compreensão da tecnologia	1	2	3	4	
3 - Teve dificuldade durante o uso da cartilha.	1	2	3	4	
4- A cartilha tem tamanho adequado.	1	2	3	4	
5 – A cartilha fornece informações suficientes sobre o enfrentamento da violência sexual para mulheres trans	1	2	3	4	

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CARTILHA EDUCACIONAL SOBRE PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIA SEXUAL PARA AS JOVENS TRANS E TRAVESTIS

Pesquisador: ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 56719222.5.0000.5208

Instituição Proponente: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

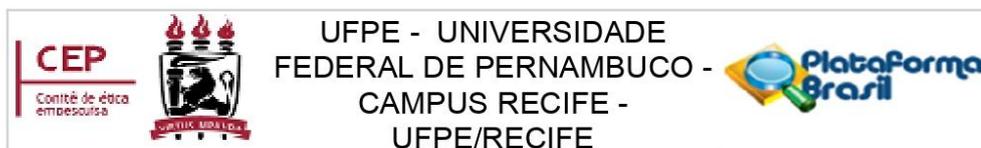
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.389.753

Apresentação do Projeto:

Trata-se do projeto de dissertação de Adrian da Silva, discente do mestrado em Enfermagem da UFPE, sob a orientação do Prof. Ednaldo de Araújo. A pesquisadora pretende construir uma cartilha educacional sobre prevenção de violência sexual para as jovens trans e travestis e validar seu conteúdo e a aparência. Trata-se de um estudo metodológico. Participarão da pesquisa juízes especialistas, selecionados de acordo com os critérios de Jasper (1995), e uma amostragem por conveniência e acessibilidade das jovens trans e travestis na faixa etária dos 18 aos 24 anos de idade, cadastradas e acompanhadas no Ambulatório Espaço de Cuidado e Acolhimento Trans, do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco. Para a organização e processamento dos dados referente à validação de conteúdo e de aparência será utilizado o software IBM® SPSS® Statistics. Para verificar a congruência entre os juízes em relação ao grau de relevância dos itens será utilizado o Índice de Validade de Conteúdo estabelecido por um nível de concordância mínimo de 80% entre os avaliadores. As sugestões dos juízes serão analisadas e os ajustes considerados pertinentes serão acatados. Espera-se construir e validar a cartilha de modo a ser usada por enfermeiros e outros profissionais na prevenção da violência sexual das jovens trans e travestis.

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 5.389.753

Objetivo da Pesquisa:

Geral:

- Construir uma cartilha educacional sobre prevenção de violência sexual para as jovens trans e travestis válida quanto ao conteúdo e a aparência.

Específicos:

Validar o conteúdo da cartilha educacional sobre prevenção de violência sexual para as jovens trans e travestis com juízes expertise na área;

Validar a aparência da cartilha educacional sobre prevenção de violência sexual para as jovens trans e travestis, segundo o público-alvo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram apresentados os riscos, benefícios e formas de minimizar os riscos. A pesquisadora efetuou os ajustes solicitados anteriormente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante e trará importante contribuição para a prevenção da violência sexual de jovens trans e travestis. O estudo está bem descrito, o cronograma está adequado e o orçamento previsto contempla a complexidade da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os termos conforme as normas do CEP/UFPE. A pesquisadora anexou nova folha de rosto com assinatura da pesquisadora de forma legível. Foram efetuados ajustes na linguagem do TCLE para os participantes do público-alvo e na forma de lidar com os riscos relacionados com pesquisas virtuais no TCLE dos juízes para atender à recomendação da CONEP para pesquisas dessa natureza.

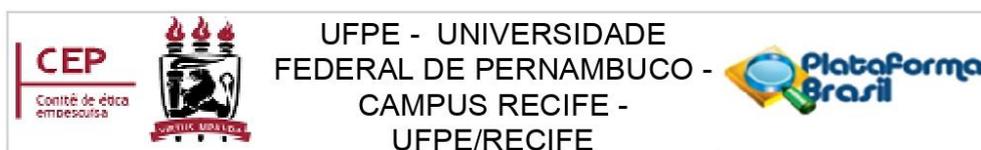
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora efetuou todos os ajustes solicitados. Dessa forma, recomenda-se aprovação do protocolo.

Considerações Finais a critério do CEP:

As exigências foram atendidas e o protocolo está APROVADO, sendo liberado para o início da coleta de dados. Conforme as instruções do Sistema CEP/CONEP, ao término desta pesquisa, o pesquisador tem o dever e a responsabilidade de garantir uma devolutiva acessível e compreensível acerca dos resultados encontrados por meio da coleta de dados a todos os voluntários que participaram deste estudo, uma vez que esses indivíduos têm o direito de tomar

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 5.389.753

conhecimento sobre a aplicabilidade e o desfecho da pesquisa da qual participaram.

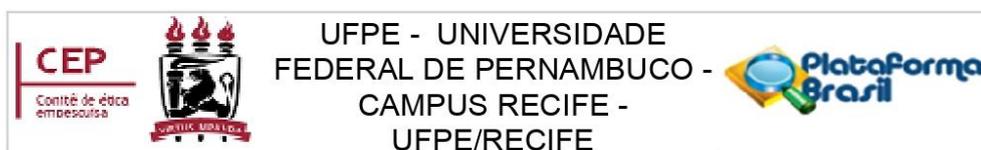
Informamos que a aprovação definitiva do projeto só será dada após o envio da NOTIFICAÇÃO COM O RELATÓRIO FINAL da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final disponível em www.ufpe.br/cep para enviá-lo via Notificação de Relatório Final, pela Plataforma Brasil. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado. Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1910938.pdf	18/04/2022 17:51:49		Aceito
Outros	CARTADERESPSTAASPENDENCIAS.docx	18/04/2022 17:51:34	ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODISSERTACAOADRIANCEP.docx	18/04/2022 17:51:14	ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEJUIZESESPESPECIALISTAS.docx	18/04/2022 17:50:57	ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPUBLICOALVO.docx	14/04/2022 13:05:50	ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOADRIAN.pdf	14/04/2022 13:04:41	ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA	Aceito
Outros	declaracaovinculo_adrian.pdf	10/03/2022 15:46:24	ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA	Aceito
Outros	Curriculo_RebekaFerreiraCoelho.pdf	10/03/2022 15:38:24	ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA	Aceito
Outros	Curriculo_EdinaldoCavalcante.pdf	10/03/2022 15:38:02	ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS	Aceito

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 5.389.753

Outros	Curriculo_EdinaldoCavalcante.pdf	10/03/2022 15:38:02	GOMES DA SILVA	Aceito
Outros	Curriculo_AdrianThais.pdf	10/03/2022 15:37:25	ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA	Aceito
Outros	CartadeAneuenciaUFPE.pdf	10/03/2022 15:37:03	ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA	Aceito
Outros	TermoConfidencialidadeadrian.docx	10/03/2022 15:36:28	ADRIAN THAIS CARDOSO SANTOS GOMES DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 05 de Maio de 2022

Assinado por:
LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br

ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora **Adrian Thaís Cardoso Santos Gomes da Silva**, a desenvolver o seu projeto de pesquisa intitulado como “**Cartilha educacional sobre enfrentamento de violência sexual para mulheres trans**”, que está sob a coordenação/orientação do **Prof. Ednaldo Cavalcante de Araújo**, cujo objetivo geral é construir uma cartilha educacional sobre enfrentamento de violência sexual válida quanto ao conteúdo e a aparência para mulheres trans.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Local _____, em ____/____/_____.

Nome/assinatura e **carimbo** do responsável onde a pesquisa será realizada.